



Informação | Despacho do Dirigente Intermédio

Propor a abertura do procedimento, nos termos da informação. À consideração superior. David F. 12/12/2023

DAVID FERREIRA
Diretor de Serviços
Bens Culturais

Informação | Despacho do Dirigente Superior

Em conformidade com o pedido de abertura do procedimento para a abertura do procedimento de classificação de bens culturais de 20.10.2024

João Soalheiro
Presidente
Património Cultural, I.P.

Concordo. Submete-se à consideração da DGR

Laura Castro
19-12-2023

LAURA CASTRO
Diretora Regional

INFORMAÇÃO Nº I-2023/ 244096 / DSBC/DRCN/ Data: 14/09/2023 CS: 1700895

ASSUNTO: Penedo de São Gonçalo, sito no Lugar de Espadilha, União das Freguesias de Margaride, Várzea, Lagares, Varziela e Moure, concelho de Felgueiras: Proposta de abertura do procedimento de classificação.

A Câmara Municipal de Felgueiras enviou a este Serviço o pedido de classificação do Penedo de São Gonçalo, conforme identificado em epígrafe. O pedido é constituído pelo Requerimento Inicial do Procedimento de Classificação de bens imóveis, imagens fotográficas e planta de localização.

Para além dessa documentação, e após pesquisa, anexo à presente informação excerpto da Tese de Mestrado em Arqueologia de José António Maia Moreira, Universidade do Minho, "Podomorfos na Fachada Ocidental do Noroeste de Portugal, entre os Rios Douro e Minho" e integrei no processo o Relatório Técnico-científico dos Trabalhos Arqueológicos Desenvolvidos no Penedo de São Gonçalo em 2017 de José Moreira, Ana M.S. Bettencourt e Manuel Santos-Estévez.

Pelo que, cumpre informar:



“As manifestações de arte rupestre pré-histórica portuguesa, abstraídas os dois únicos casos datando do Paleolítico superior (Escoural, no Alentejo, e Mazouco, em Trás-os-Montes), inserem-se em três grandes «mundos»: o megalítico, o da pintura em abrigos sob rocha, e o das gravuras em rochedos ao ar livre. Trata-se de uma classificação cómoda, mas mais «arqueológica» do que «pré-histórica», pois como é evidente, em cada momento e em cada cultura o homem pode ter-se expressado de diferentes, formas, que nada obriga a que sejam mutuamente exclusivas; antes pelo contrário, tudo indica que aqueles três grupos de m(an)ifestações (sic) possam ter tido relações entre si, pelo menos em determinadas fases ou aspectos em que se concretizaram.”¹

“Entende-se por podomorfos as figuras com formatos de pés humano (calçados ou descalços) ainda que possam tomar vários aspectos que por vezes se aproximam do contorno do pé. Tecnicamente, apresentam-se nas formas picotadas, incisa, mais ou menos profunda em baixo ou alto-relevo. São gravuras realizadas sobre suportes rochosos com destaque para as superfícies metassedimentereas (vulgo xisto-grauvaque) e eruptivas (vulgo granito). Este tipo de representação está presente em todos os continentes e corresponde a uma grande amplitude de cronologias.

Em Portugal ocorrem essencialmente a norte do Tejo, observando-se duas áreas de maior concentração, situando-se ente Viseu e Vila velha de Rodão, com destaque para as bacias dos rios Ceira e Alva, e a outra, ainda que mais dispersa, em toda a região transmontana (Ribeiro et al., 2010:202). Em 2018, José Moreira defendeu, na Universidade do Minho, uma dissertação de mestrado onde inventaria e estuda 219 podomorfos, distribuídos por 34 painéis, localizados em 30 diferentes sítios, na fachada ocidental do noroeste de Portugal, entre os rios Douro e Minho, no Sul do país e no litoral a sul do rio douro são um motivo raro (ribeiro et al, 2010:202).”²

Um dos “case study” apresentado por José Moreira na sua Tese é a Arte Rupestre do Penedo de São Gonçalo, e dado o rigor técnico-científico dos estudos que efectuou, passamos agora a citar:

“3.2. O Penedo de São Gonçalo

3.2.1. Localização administrativa e contexto físico ambiental

O Penedo de São Gonçalo situa-se no Lugar de Espadilha, arcaicamente chamado de lugar da Boca, atualmente na união de freguesias de Margaride

¹ Jorge, Vitor Oliveira - Gravuras Portuguesas. p.53.

² Henriques, Francisco et al - Os Podomorfos de Serrasqueira (Castelo Branco) e de Pedreira (Proença-A-Nova). P.81.



(Santa Eulália), Várzea, Lagares, Varziela e Moure, concelho de Felgueiras, Porto. É propriedade de Miguel Maria de Souza e Holstein Campilho.

Situa-se na margem esquerda do ribeiro de Longra, afluente ou uma das nascentes do rio Sousa, importante afluente da margem norte do Douro.

O local encontra-se nas imediações do casario e no seio de campos agrícolas privados. É propriedade da Casa das Figueiras.

3.2.2. Contexto arqueológico

Nas imediações do afloramento não se conhecem outros vestígios arqueológicos, mas no concelho de felgueiras pode destacar-se a anta ou dólmen da Cidade-Refontoura, na freguesia de Refontoura, a cerca de 3 km para sudeste das gravuras, pertencentes ao período Neolítico (...).

3.2.4 Descrição física do afloramento

O Penedo de São Gonçalo corresponde a uma bola de granodiorito porfiroide, biotítico, com megacristais muito desenvolvidos (Pereira, 1992). É de grandes dimensões e altura o que o torna particularmente impressionante no espaço onde aflora. Nenhum outro afloramento da região tem similares proporções. Orienta-se de sudeste para noroeste, tendo cerca de 4.70 m de comprimento, 4, 20 m de largura e 2, 40m de altura (...).

Encontra-se fraturado, pelos lados sul, oeste, norte, noroeste, nordeste e este, embora a grande maioria dos blocos que se separam dele se encontram junto do mesmo. Conseguiram-se observar 10 fraturas, sendo que 3 danificaram, inclusivamente algumas gravuras, nomeadamente pelos lados sul, noroeste e nordeste.

3.2.5 Descrição dos motivos gravados e identificação dos diferentes painéis

A sua superfície gravada não é homogênea, tendo algumas áreas sido escolhidas intencionalmente devido a esse fator. Por esse motivo optamos por dividir as gravuras em diferentes painéis. A divisão dos painéis foi realizada seguindo os seguintes critérios: distribuição espacial das gravuras, inclinação da superfície gravada e diaclases existentes.

3.2.5.1. Os diferentes painéis

O painel 1 individualiza-se dos painéis 2 e 3 por uma grande diaclase, que separa uma área mais inclinada do afloramento de uma área, acima desta, um pouco menos inclinada e de uma, ao lado desta, um pouco mais inclinada. Os painéis 2, 3, 4 estão separados entre si por diferenças tipológicas dos



motivos neles gravados e pelas diferentes inclinações da superfície rochosa, sendo o painel 2 o mais inclinado do que o 3 e o painel 4, praticamente horizontal. Já o painel 5 foi diferenciado do 4 pelo desigual conjunto iconográfico e pela segunda grande diáclase existente no Penedo de S. Gonçalo, que divide o topo da rocha da restante zona gravada.

3.2.7. Discussão dos dados e interpretações

Quanto à iconografia presente no penedo de São Gonçalo, podemos dizer que esta se parece distribuir por 5 painéis, previamente estipulados, embora seja possível considerar que entre os painéis 1 e 3 existe continuidade.

De uma forma geral podemos considerar que existem aqui motivos de estilo atlântico como é o caso de círculo concêntrico e do sulco meandriforme que se lhe parece associar, existente na parte mais elevada do afloramento, a noroeste. Talvez os motivos do painel 4 numa área aplanada do afloramento, com sulcos, várias covinhas e aproveitamento de uma pequena pia, se possa integrar no estilo atlântico.

(...) Associados aos podomorfos, com uma exceção (que se associa ao equídeo do painel 5), encontram-se os conjuntos de 5 covinhas, que lembram patas de canídeos (cão, lobo, raposa, etc.)

Já o motivo subtrapedoizal do painel 2, pela sua raridade, não tem paralelos na arte do Noroeste. No entanto, motivos idênticos existem nas estrelas do Sudoeste Ibérico, onde foram identificados como liras (Díaz-Guardamino, 2010; Jiménez Pasalodos, 2012) (Figs. 167-169). Assim, cremos que este motivo poderá ser, igualmente, uma lira do Bronze Final ou do Ferro Inicial, pelo que se podia inserir na arte proto-histórica do Noroeste, definida recentemente, por Bettencourt (2017^a). O motivo circular que se lhe associa, pelo tipo de sulco, parece ser seu contemporâneo.³

Tipos de Podomorfos

Os podomorfos, por serem objeto deste trabalho, merecem destaque. Em todo o afloramento existem 59. Distribuem-se, essencialmente, pela extremidade sudeste e este do afloramento, desde a base até ao topo (painéis 1, 2,3 e parte do 5), que apesar de ser bastante declivosa, é também, a área que mais facilmente permite atingir o topo. Ocorrem alguns podomorfos dispersos no painel 2 (a sul) que é uma área de maior inclinação.

Os podomorfos organizam-se em 26 pares e 7 isolados. Nos painéis 1,3, e parte do painel 5 (em áreas inclinadas), os podomorfos encontram-se

³ Vide texto



orientados para noroeste, em todos os casos, ou seja, em direção ascendente, insinuando um percurso de subida e dando-nos a indicação de que é importante a subida deste

afloramento ou do que ele significa metaforicamente. Ainda no painel 5, a oeste, norte e sudoeste, em área também inclinada, os podomorfos orientam-se em várias direções, dirigindo-se, igualmente, para o topo e acentuando assim a importância da subida. Propriamente no topo só existem 2 pares de podomorfos, orientados para noroeste.

São de várias dimensões (Tab.6), compreendidas entre os 15 e os 24 cm de comprimento e os 3 e os 9,5 cm de largura, o que indica que representam pessoas de várias idades, entre crianças e adultos. No entanto, são maioritárias as representações de pés de pequenas dimensões.

3.2.7.2. Sobreposições

As sobreposições são raras. Esta parece ocorrer, apenas num dos podomorfos identificados no painel 2, que parcialmente é sobreposto pela parte traseira de um cavaleiro esquemático (Fig.170)

3.2.7.3. Técnicas

Apesar de todos os motivos terem sido gravados por percussão, seguida de abrasão, as dimensões e profundidades dos sulcos são distintas, assim com a sua visibilidade.

O motivo da arte atlântica tem sulcos de 2cm de largura por 1 cm de profundidade e é dos mais erodidos do conjunto.

Os quadrúpedes são os motivos de traço mais fino, com sulcos de 1 cm de largura por 0,1 a 0,3 cm de profundidade.

Por sua vez, os dois eventuais motivos musicais são os de traço mais largo (1 a 3 cm) e têm uma profundidade entre os 0,2 e os 0,3 cm.

Os podomorfos foram realizados todos em baixo relevo, com profundidades variadas, entre os 0,2 e 1cm.

3.2.8 Interpretações

Se quisermos traçar a biografia deste lugar, podemos admitir que os primeiros motivos gravados foram as composições circulares e as covinhas e sulcos pertencentes à denominada arte atlântica, que não eram visíveis para quem se encontrasse no exterior do afloramento, parecendo, assim, estar vinculadas com uma lógica de comunicação com o mundo celeste, dado a sua



distribuição no topo do afloramento e em área aplanada. Admitimos que essa etapa se verificou no neolítico, mais concretamente no 4.º milénio a.c., ao adotarmos a cronologia de L. Alves para a arte atlântica no Noroeste.

Não obstante esta ocupação antiga, parece ter sido só a partir da Idade do Bronze que este afloramento se tornou lugar de visitação cíclica, com a integração dos motivos atlânticos numa outra forma de “estar no mundo”, materializada através de histórias onde estão presentes diversos cavalos e alguns cavaleiros (pastores?) que se movem, essencialmente, para nordeste (painel 2). No topo, cavalos, sem cavaleiros, distribuem-se, quase em parada, para nordeste. Esta nova gramática de signos obedece a outra lógica espacial. Os motivos dispõem-se no afloramento para serem vistos e “percebidos”, durante o nascer do sol e o ocaso, pela audiência que estivesse colocada à frente do afloramento, pelos lados sul e sudoeste.

Já a distribuição dos podomorfos, maioritariamente existentes a sudeste do afloramento, altera a lógica de visibilidade anterior, por parte da audiência, e indicia, também, ações em que esta entra em contacto direto com o afloramento. Os podomorfos humanos que representam pés descalços de crianças, de jovens e de adultos indiciam, agora, a subida ao topo do afloramento ou do que ele simboliza (sítios altos e com boa visibilidade), acompanhados e/ ou perseguidos por canídeos.

Apesar das diferenças existentes entre as narrativas dos cavalos e as dos podomorfos, parece existir algo em comum entre elas. Em ambas se pretende alcançar o cume através de declives acentuados e custosos. No primeiro caso, os humanos são transportados e transportam cavalos para esse cume. No segundo, os humanos fazem essa “peregrinação” a pé, apesar de serem “perseguidos” ou “acompanhados” por um animal. Talvez, por esse motivo, possam não ser muito distantes no tempo, mas apenas materializar a mesma ideologia de forma distinta. Após nos termos tentado colocar sobre estes motivos, descalços, constatámos que o ato de subir o afloramento, através dos podomorfos dos painéis 1 e 3, é praticamente impossível ou muito custoso. No percurso final, na vertente sudeste do painel 5, imediatamente antes do topo, a dificuldade também existe. Apenas se está confortável no topo ou muito perto dele.

O facto de os podomorfos serem gravados em baixo relevo indicia grande investimento humano na perpetuação futura das ações e cerimónias que estão por detrás destes gestos.



Da última fase de gravação serão os dois grandes motivos, gravados de forma mais profunda do que os anteriores. A sua localização face a alguns cavalos faz pensar que terão sido gravados posteriormente, pois impedem a visualização da totalidade da cena equestre. O mesmo parece acontecer em relação aos podomorfos. O motivo de tendência triangular, parece corresponder a uma lira de base arredondada, com paralelos em algumas “estelas” datadas dos finais do Bronze Final, inícios da Idade do Ferro, nomeadamente as de Valpalmas (Zaragoza) ou de Capote (Badajóz) (Jiménez Pasaodos, 2012). Nesta perspetiva, talvez o motivo circular possa representar um escudo, embora de morfologia distinta daquele que se associa à estela de Valpalmas, que é de “escotadura” em V e típico do Sudoeste ibérico. No entanto, não podemos descartar que seja, também, um instrumento musical, nomeadamente um membranofone de percussão, como um tambor ou pandeireta, pelas suas dimensões em relação à lira de mão.

A gravação de uma lira, objeto de influência mediterrânica no Noroeste, associado à expansão do banquete e do festim religioso, segundo Jiménez Pasaodos (2016), representa mais um dado que evidencia a importância das influências mediterrânicas no Noroeste ibérico, nos finais da Idade do Bronze, inícios da Idade do Ferro, e demonstra a grande importância simbólica das cerimónias realizadas no lugar do Penedo de S. Gonçalo, durante este período, onde a música ou o seu significado, não estariam ausentes.

A arte rupestre no Penedo de S. Gonçalo aparece, na sua grande maioria, agrupada por tipologias de motivos. Juntando esta circunstância ao facto de praticamente não existirem sobreposições de gravuras colocamos a hipótese de que as populações, que durante milénios frequentaram este lugar, foram sucessivamente, e por norma, respeitando os motivos mais arcaicos, talvez os reconhecendo como simbolicamente importantes, embora reintegrando-os numa nova linguagem dos signos.

Ainda nos dias de hoje, o penedo usufrui de alguma importância para a população, em especial a imigrante, que ao voltar a Portugal e ao visitar a rocha, tem por hábito nela tocar, enquanto proferem orações de âmbito cristão.

O conjunto de dados recolhidos testemunha a grande importância simbólica e social que este afloramento teve na longa duração, apesar das diferentes significações a que foi sendo sujeito.”⁴

⁴ Moreira, J.A.M. – *Podomorfos na Fachada Ocidental do Noroeste de Portugal, entre os rios Douro e Minho*. Dissertação de Mestrado.



Concluindo, o Penedo de São Gonçalo apresenta características singulares de grande relevância a nível nacional e ibérico que o qualificam no âmbito do património cultural, nomeadamente através do seu valor histórico-social, arqueológico-científico, estético e simbólico:

- Tem um importante significado histórico e arqueológico - constitui a memória da fixação humana num espaço, e ao longo do tempo;
- Destaca-se no âmbito da arte rupestre pela existência de gravuras pertencentes a diferentes cronologias, que na sua generalidade não estão sobrepostas, pelo que é representativo da coexistência de diferentes estruturas cognitivas ao nível da iconologia e da iconografia, sem prejuízo da sua integridade;
- Destaca-se pela sua exemplaridade, conforme refere *“Já o motivo subtrapedoizal do painel 2, pela sua raridade, não tem paralelos na arte do Noroeste. No entanto, motivos idênticos existem nas estrelas do Sudoeste Ibérico, onde foram identificados como liras (Diaz-Guardamino, 2010; Jiménez Pasalodos, 2012) (Figs. 167-169).”*⁵
- A sua dimensão sagrada e profana;
- Na luz do pensamento de Paulo Pereira (2004, p.17) este monumento não só ostenta símbolos, como per si é um símbolo na memória sedimentada do território Português.

Face ao exposto, proponho a abertura do procedimento administrativo de classificação do Penedo de São Gonçalo, sito no Lugar de Espadilha, União das Freguesias de Margaride, Várzea, Lagares, Varziela e Moure, concelho de Felgueiras.

À consideração superior,

A Técnica Superior,


Sónia Gomes

⁵ *Idem*

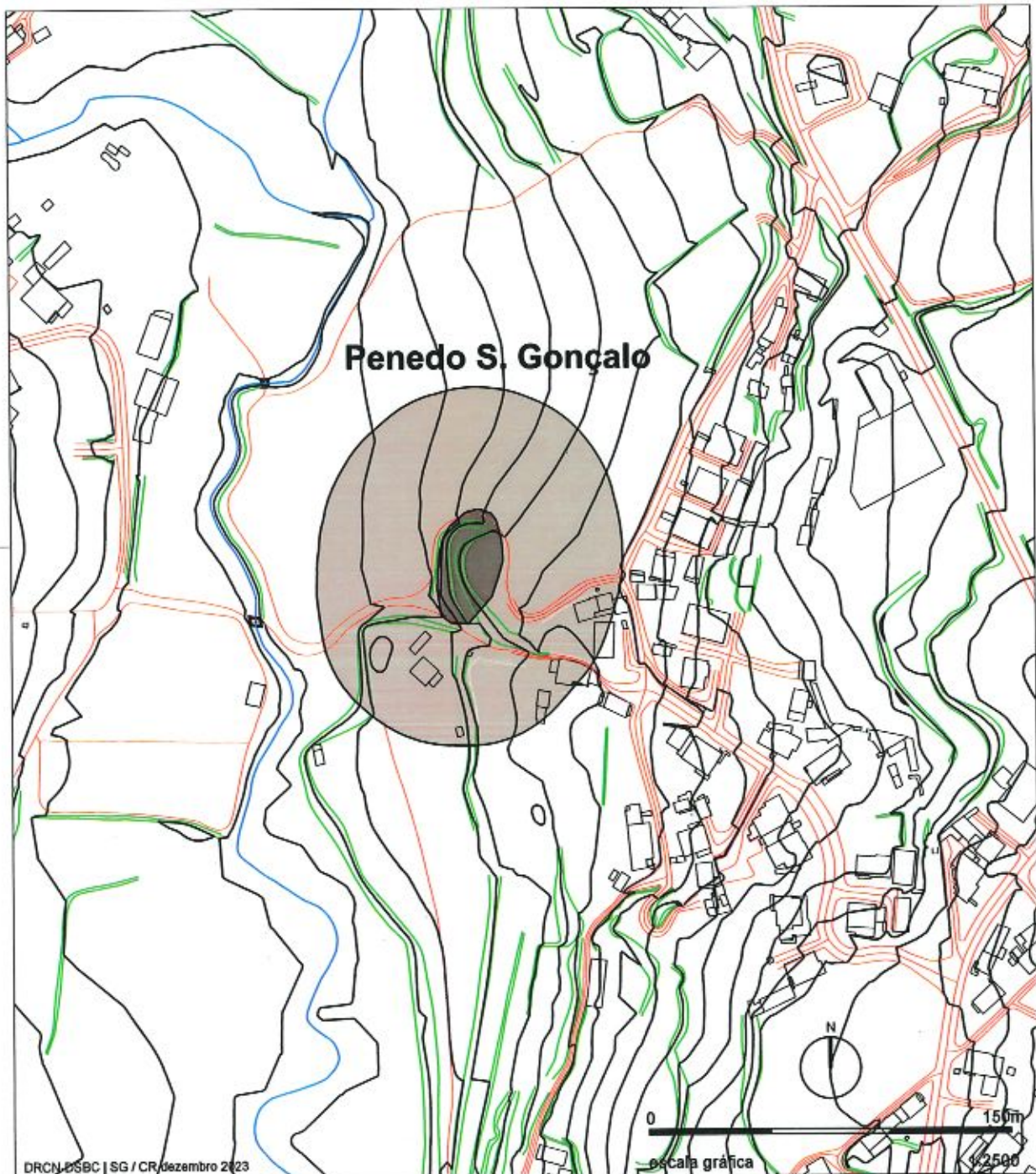
Penedo de São Gonçalo

Espadilha

União das Freguesias de Margaride, Várzea, Lagares, Varziela e Moure

Concelho de Felgueiras

- ◆ Limite do bem cultural a classificar
- ▲ Zona geral de proteção (ZGP)





Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

José António Maia Moreira

**Podomorfos na Fachada Ocidental do
Noroeste de Portugal, entre os Rios
Douro e Minho**

Tese de Mestrado
Mestrado em Arqueologia

Trabalho efetuado sob orientação:
Professora Doutora Ana Maria dos Santos Bettencourt
Professor Doutor Manuel Santos Estévez

RESUMO

Podomorfos na fachada ocidental do Noroeste de Portugal, entre os rios Douro e Minho

O grande objetivo desta dissertação centra-se em aumentar o conhecimento acerca dos podomorfos, no Noroeste de Portugal.

Para se proceder a esta investigação foi necessário delinear e recorrer a várias metodologias, entre elas, o trabalho preparatório de gabinete; a análise bibliográfica; a prospeção arqueológica e o estudo e discussão dos resultados obtidos.

Nesta região do país foram gravados 219 podomorfos, que se distribuem por 34 afloramentos, em 30 diferentes sítios. Estas gravuras situam-se, na sua maioria, entre os 200 e os 700 m, em zonas bem irrigadas e de fácil acesso. Normalmente o domínio sobre a paisagem, a partir dos afloramentos com podomorfos, é amplo. Estes afloramentos são, na sua maioria, de proporções consideráveis, mas pouco marcantes no meio envolvente.

Para o Noroeste foram individualizados dois grandes grupos de podomorfos, os descaíços e os caíçados, existindo alguns pormenores diferenciadores dentro dos caíçados, o que levou à criação de alguns subgrupos. Sabe-se, também, que a maior parte dos podomorfos do Noroeste representam pés de pequenas dimensões, ou seja, abaixo dos 23 cm de comprimento máximo. Estes organizam-se em pares, assim como, isolados. Assumem diferenciadas orientações, apesar de existir uma tendência clara para se orientarem para noroeste. Quanto às técnicas utilizadas estas foram fundamentalmente o baixo relevo, por percussão seguida de abrasão.

A gravação destes motivos rupestres, no Noroeste português, poderá ter surgido nos finais do Calcolítico, inícios da Idade do Bronze, alcançando o seu auge no decorrer deste último período e terminado pelos inícios da Idade do Ferro. Coloca-se, ainda a hipótese, de que estes lugares poderão relacionar-se-ão com rituais de passagem para o estado adulto, associados à "viagem" ou "peregrinação", realizados em determinadas épocas do ano, especialmente durante o solstício de verão o que materializa, também, a importância de cultos celestes associados a estes ritos.

Palavras-chave: Noroeste português, podomorfos, contextos, cronologias, significados.

Com este estudo, pretende-se analisar os vários motivos representados no Penedo de S. Gonçalo e na Fraga das Passadas, tentando-se traçar cronologias aproximadas para cada tipo de motivo e estabelecer a biografia dos lugares, enquanto espaços socialmente significantes para diferentes populações. Neste contexto pretende-se entender como se articulam os podomorfos com as restantes gramáticas.

Cada caso de estudo foi estudado seguindo-se vários *itens*, como a localização administrativa e o contexto físico e ambiental, o contexto arqueológico, as metodologias de estudo, a descrição física do afloramento, a descrição dos motivos gravados e a identificação dos diferentes painéis, as lendas atribuídas ao local e, por fim, a discussão dos dados e interpretações.

3.2. O Penedo de S. Gonçalo

3.2.1. Localização administrativa e contexto físico e ambiental

O Penedo de S. Gonçalo situa-se no lugar da Espadilha, arcaicamente chamado de lugar da Boca, atualmente na união de freguesias de Margaride (Santa Eulália), Várzea, Lagares, Varziela e Moure, concelho de Felgueiras, Porto. Encontra-se dentro dos antigos limites administrativos de Varziela. As coordenadas geográficas decimais, no sistema WGS 84, do sítio são: latitude: 41.342591; longitude: -8.2254. Está a uma cota aproximada de 225 m.

Situa-se na margem esquerda do ribeiro de Longra⁶, afluente ou uma das nascentes do rio Sousa, importante afluente da margem norte do Douro. O ribeiro corre a sudoeste do afloramento, sendo perfeitamente audível a partir deste.

A geomorfologia local integra-se dentro das características do relevo do Minho Ocidental, marcado pelo contraste entre zonas elevadas, "culminando em planaltos descontínuos, e vales profundos, mas largos de fundo aplanado" (Pereira, 1992: 7).

Trata-se de uma região onde predominam os granodioritos porfíroides, biotíticos, com megacristais muito desenvolvidos (Pereira, 1992: 8). Os recursos mineiros de estanho ocorrem com abundância no concelho de Felgueiras, conhecendo-se minerações em Macieira da Lixa, Agilde, Friande e Moure (Pereira, 1992; LNEG – geoPortal/SIORMINP).

Do Penedo de S. Gonçalo há uma boa visibilidade sobre o espaço circundante, excetuando o quadrante sul. É visível a bacia de receção do ribeiro de Longra, tal como se observa a serra dos

⁶ Por vezes, referido como "rio Sousa".

Podomorfos na Fachada Ocidental do Noroeste de Portugal, entre os Rios Douro e Minho

Perdidos e o Alto das Barrancas, a nordeste; a serra do Maninho, a oeste; o Alto de Santana, a sudoeste, e o monte de Tarrío, a este.

O local encontra-se nas imediações do casario e no seio de campos agrícolas.

É propriedade da Casa das Figueiras (Fig. 147).



Figura 147: Penedo de S. Gonçalo no seu contexto físico e ambiental. Em cima, à esquerda: visto de sul; à direita: visto de sudoeste. Em baixo, à esquerda: visto de este; à direita: visto de nordeste.

3.2.2. Contexto arqueológico

Nas imediações do afloramento não se conhecem outros vestígios arqueológicos, mas no concelho de Felgueiras pode destacar-se a anta ou dólmen da Cidade-Refontoura, na freguesia de Refontoura, a cerca de 3 km para sudeste das gravuras, pertencente ao período Neolítico. Ainda nesta freguesia, existe o povoado de São Simão, da Idade do Ferro. Em Pinheiro, a cerca de 3,5 km para norte, há o povoado da Senhora Aparecida, também da Idade do Ferro. Para Sul, a cerca de 5 km, fica o Castro da Pedreira, da Idade do Ferro, na união de freguesias de Pedreira, Rande e Sernande. Nesta mesma união de freguesias fica o povoado da Cimalha, da Idade do Bronze/Ferro. A cerca de 2 km para oeste do Penedo de S. Gonçalo, localiza-se a Cidade das Pegas, um povoado fortificado da Idade do Ferro, inserido na freguesia de Penacova. Por fim, outro povoado da Idade do Ferro situado nesta freguesia é o Monte do Senhor do Perdidos.

Limpeza

O processo de limpeza do afloramento foi efetuado a seco, utilizando escovas macias que, girando de forma circular, levemente sobre a rocha, permitiram retirar eficazmente a maioria dos musgos e líquenes nela presentes. Antes do começo dos trabalhos de limpeza, as gravuras visíveis circunscreviam-se aos podomorfos presentes na superfície inclinada sudeste, os únicos motivos referidos na bibliografia consultada (Fig. 148).



Figura 148: Penedo de S. Gonçalo, em 2016, antes do início dos trabalhos de limpeza sistemáticos (visto de sudeste). As gravuras que não correspondem a podomorfos foram diagnosticadas, após uma limpeza superficial, realizada durante a primeira visita ao local.

Com a limpeza dada por terminada, tornaram-se visíveis muitas outras gravuras, de diferentes tipologias (Fig. 149). Esta metodologia de trabalho aplicada, permitiu, por um lado, ter um olhar mais completo da iconografia presente no Penedo de S. Gonçalo, por outro, analisar todas as gravuras existentes de forma mais completa. Também o levantamento fotográfico (intensivo e pleno) e fotogramétrico, comentados de seguida, só foram exequíveis graças à limpeza previamente efetuada da pedra.

Todas as freguesias e uniões de freguesias nomecladas são contíguas à união de freguesias de Margaride (Santa Eulália), Várzea, Lagares, Varziela e Moure, em Felgueiras, onde se localiza o Penedo de S. Gonçalo.

3.2.3. Metodologias de estudo

De forma a estudar o Penedo de S. Gonçalo e as suas gravuras, optou-se metodologicamente por realizar, em primeiro lugar, uma recolha bibliográfica, que permitisse tomar conhecimento do estado geral dos estudos ligados a este penedo. Após essa etapa, que, alias, nos proporcionou, numa fase ainda inicial, conhecer a existência de parte das gravuras (os podomorfos) e visitar o local, foi realizada a inventariação, a análise do contexto físico e ambiental do afloramento e a sua descrição exaustiva em termos físicos, o que contempla aspetos como o tipo de rocha, as suas dimensões, características, topografia, etc. Foram, ainda, referidos os diferentes pontos significantes observáveis a partir do topo do afloramento. Aquando a visita ao local, foram detetadas novas gravuras sob os musgos que cobriam o Penedo de S. Gonçalo e que necessitavam de ser limpos para uma análise global dos podomorfos. Para esse efeito agendou-se trabalho de campo, realizado em julho de 2016, devidamente autorizado pela tutela²⁷. Neste, participaram o Doutor Manuel Santos-Estêvez, três alunos²⁸ da Unidade Curricular de “Trabalho Práticos” do curso de Mestrado em Arqueologia da Universidade do Minho, uma aluna²⁹ do 3º ano do Curso de Arqueologia da Universidade do Minho e uma aluna de mestrado do Curso de Medicina Dentária da Universidade Fernando Pessoa (Porto)³⁰. Durante estes trabalhos o afloramento rochoso foi limpo, por forma a serem identificáveis e estudáveis todas as gravuras. Após a limpeza, realizou-se uma observação de todas as superfícies gravadas, para a definição de painéis, acompanhada do levantamento fotográfico, tanto diurno como noturno, e fotogramétrico dos mesmos.

Posteriormente, tentou-se obter uma vista de cima do afloramento, com o auxílio de um drone, mas a existência de árvores encostadas ao mesmo dificultou em muito a tarefa. Por fim, na posse de todos os dados, realizou-se uma análise do local, por forma a tentarmos chegar a possibilidades interpretativas.

²⁷ Devidamente integrado, em termos legais, no projeto “Talagoin e representação do poder na Pré-História Recente: Arte Atlântica e Estátuas-Menir - PARES”, projeto FCI de pós-doutoramento, com a referência ISF/01/BPD/93700/2013, da responsabilidade de Manuel Santos-Estêvez, coorientador deste trabalho.

²⁸ Referimo-nos a Vítor Saattinlo Roque, a Marlén Lima e a Helder Mota.

²⁹ Referimo-nos a Marta Senra.

³⁰ Trata-se de Jéssica Carvalho Ferreira.

3.2.4. Descrição física do afloramento

O Penedo de S. Gonçalo corresponde a uma bola de granodiorito porfiroide, biotítico, com megacristais muito desenvolvidos (Pereira, 1992). É de grandes dimensões e altura, o que o torna particularmente impressionante no espaço onde aflora. Nenhum outro afloramento da região tem similares proporções. Orienta-se de sudeste para noroeste, tendo cerca de 4,70 m de comprimento, 4,20 m de largura e 2,40 m de altura. De observar, ainda, a existência de duas diaclases, orientadas de este para oeste e que atravessam o afloramento de uma extremidade à outra. Contém alguns enclaves de quartzo, de pequenas dimensões.

Encontra-se fraturado, pelos lados sul, oeste, norte, noroeste, nordeste e este, embora a grande maioria dos blocos que se separaram dele se encontram junto ao mesmo. Conseguiram-se observar 10 fraturas, sendo que 3 danificaram, inclusivamente, algumas gravuras, nomeadamente pelos lados sul, noroeste e nordeste.

Topograficamente falando, o topo do afloramento, com tendência horizontal e que se estende de noroeste para sudeste, é estreito, sendo as restantes paredes caracterizadas por declives mais ou menos acentuados.

No topo da parede sul ocorre um pequeno patamar, também de distribuição noroeste-sudeste, estreito e de tendência horizontal. As restantes paredes são declivosas, sendo menos declivosas as do quadrante sudeste.

3.2.5. Descrição dos motivos gravados e identificação dos diferentes painéis

A sua superfície gravada não é homogênea, tendo algumas áreas sido escolhidas intencionalmente devido a esse fator. Por esse motivo, optámos por dividir as gravuras em diferentes painéis. A divisão dos painéis foi realizada seguindo os seguintes critérios: distribuição espacial das gravuras, inclinação da superfície gravada e diaclases existentes.

3.2.5.1. Os diferentes painéis

O painel 1 individualiza-se dos painéis 2 e 3 por uma grande diaclase, que separa uma área mais inclinada do afloramento de uma área, acima desta, um pouco menos inclinada e de uma, ao lado desta, um pouco mais inclinada. Os painéis 2, 3 e 4 estão separados entre si por

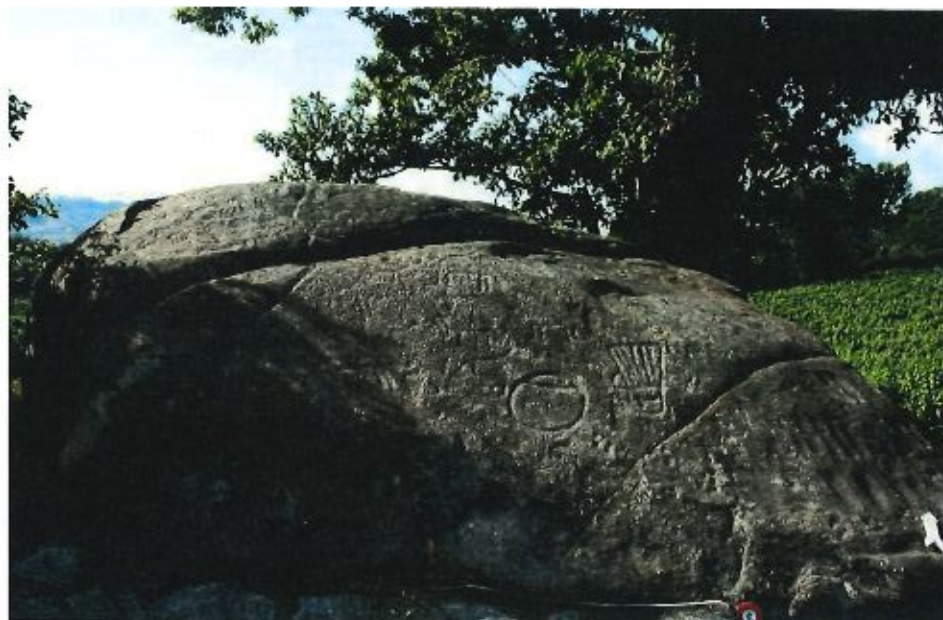


Figura 149: O Penedo de S. Gonçalo após a limpeza. A régua tem 1m.

Levantamento fotográfico

Quanto ao levantamento fotográfico, foram elaboradas fotografias gerais da rocha, do contexto da sua implantação, dos diferentes painéis e do pormenor de alguns motivos. As fotografias foram tiradas durante o dia ou à noite, com luz rasante.

Para a fotogrametria, tiraram-se fotografias de toda a superfície gravada. Para que esta seja eficiente, cada uma das fotografias deve-se sobrepor, cerca de um terço, às anteriores que se situem, imediatamente, acima, abaixo e aos lados. É, ainda, necessário que toda a superfície rochosa esteja iluminada da mesma forma, sendo aconselhável que toda ela esteja na sombra.

Trabalho avançado de gabinete

Em gabinete, selecionaram-se as fotografias necessárias e aplicáveis à fotogrametria. Após inseri-las no programa *Agisoft PhotoScan*, seguiram-se os passos devidos para obter o modelo fotogramétrico pretendido. Estando a fotogrametria terminada, os resultados do processo anterior foram tratados de forma a dar maior nuance às diferentes gravuras, no programa *MeshLab*. De notar que se optou por realizar a fotogrametria dividida por painéis, pois a dimensão da área gravada, assim como a quantidade de fotos necessárias para a sua fotogrametria total, não seriam executáveis com o *software* utilizado. Depois de analisados os resultados, foi possível identificar, pelo menos, 11 podomorfos, antes não observados.

diferenças tipológicas dos motivos neles gravados e pelas diferentes inclinações da superfície rochosa, sendo o painel 2 mais inclinado do que o 3 e o painel 4, praticamente horizontal. Já o painel 5 foi diferenciado do 4 pelo desigual conjunto iconográfico e pela segunda grande diáclase existente no Penedo de S. Gonçalo, que divide o topo da rocha da restante zona gravada.

Painel 1

O painel 1 localiza-se na base do declive este-sudeste da rocha. Delimita-se, a norte, noroeste e nordeste por uma diáclase e a sul e sudeste pelo início da parede vertical que se enterra no solo. Nele foram gravados dois quadrúpedes, próximos um do outro, que se orientam no sentido sudoeste-sudeste; 7 pares de podomorfos, estando o pé direito de um deles fraturado; um pé direito isolado; dois pés indeterminados isolados e cerca de 13 agrupamentos de 5 covinhas, estas associadas aos podomorfos e por vezes localizadas atrás dos calcanhares humanos. Estes conjuntos de covinhas fazem lembrar pegadas de canídeos. Quanto aos podomorfos, estes orientam-se de sudeste para noroeste. As suas dimensões variam entre os 16 e os 23 cm de comprimento, os 5 e os 9 cm de largura e os 2 e os 7 mm de profundidade. Foram gravados em baixo relevo (Figs. 150 e 151).



Figura 150: Painel 1 do Penedo de S. Gonçalo.

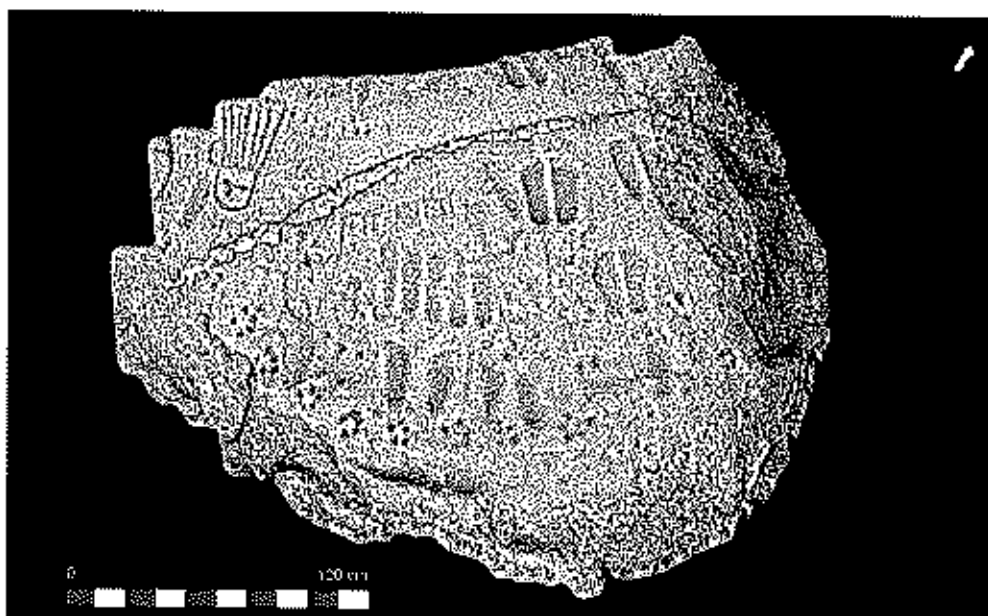


Figura 151: Fotogrametria do painel 1 do Penedo de S. Gonçalo.

Painel 2

O painel 2 delimita-se a sudeste por uma diaclase que o separa do painel 1; a norte pelo rebordo de um patamar; a noroeste e a oeste por uma diaclase, pouco profunda, orientada no sentido sudoeste-nordeste; a nordeste e este por uma angulação, a partir da qual a parede do afloramento se vira para sudeste, e a sul pelo início da parede vertical que se enterra no solo. Nos declives sudoeste e sul, de forte pendente, foram gravados 13 quadrúpedes, representados de forma muito esquemática, mas que pela forma da cabeça parecem estar em movimento. Tratam-se de cavalos, 3 deles montados, que se orientam de sudoeste para sudeste (em 7 casos) e vice-versa (em 6 casos). Um dos cavaleiros localiza-se na parte superior da composição, outro a meio e outro na parte inferior, como se guardassem a manada. O cavaleiro da parte inferior parece apresentar-se em perspetiva torcida, com os braços abertos, parecendo segurar rédeas na mão direita. Todos os cavalos foram realizados com sulcos de 1 cm a 2 cm de largura e de 0,1 a 0,3 cm de profundidade (Figs. 152-154).



Figura 152: Pannel 2 do Penedo de S. Gonçalo, sobre luz rasante, ao anoitecer.



Figura 153: Cavalos com cavaleiros do pannel 2 do Penedo de S. Gonçalo.



Figura 154: Fotogrametria desta área do pannel 2 do Penedo de S. Gonçalo.

Existem, ainda, 2 podomorfos isolados no declive sul, um deles localizado entre dois grandes motivos (um circular e outro trapezoidal de base arredondada), orientado para noroeste, e com 15,5 cm de comprimento, 4,7 cm de largura e 12 mm de profundidade. O outro é praticamente impercetível, tendo sido identificado apenas com a fotogrametria. Está orientado para noroeste, tendo o que parece ser a cauda de um cavalo com cavaleiro sobreposta. Com este procedimento informático conseguiu-se, também, reconhecer 1 par de podomorfos, orientado para oeste e localizado após um sulco que parte do pannel 4 e, passando pelo pannel 2, termina na base

da rocha. Estas duas "pegadas" têm cerca de 16 cm de comprimento por 5 cm de largura. Todos os podomorfos foram realizados em baixo relevo, por percussão, seguida de abrasão.

Sensivelmente a meio da pendente sul, destaca-se uma figura de tendência trapezoidal, disposta ao alto, com a parte inferior arredondada. Trata-se de um motivo que se divide em duas partes, por um sulco horizontal. A parte superior está preenchida com sete sulcos verticais, enquanto a inferior contém três covinhas. No lado esquerdo existe um semicírculo que faz lembrar uma pega. Associado a esta gravura encontra-se um motivo circular com cerca de 35 cm de diâmetro, subdividido internamente por um sulco, na sua extremidade superior. Estas duas figuras, feitas através de percussão, seguida de abrasão, apresentam sulcos de profundidade e largura semelhantes e diferem dos quadrúpedes, por terem sulcos mais largos (3 cm) e profundos (0,3 cm).

Existem, ainda, 2 agrupamentos de 5 covinhas nas proximidades de um podomorfo (Figs. 155 e 156).

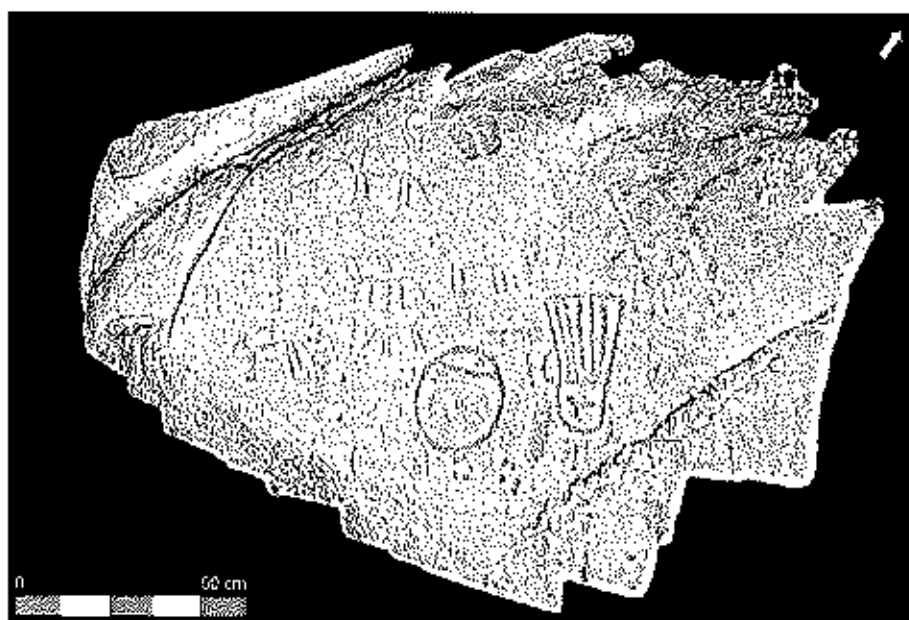


Figura 155: Fotogrametria do painel 2 do Penedo de S. Gançalo.

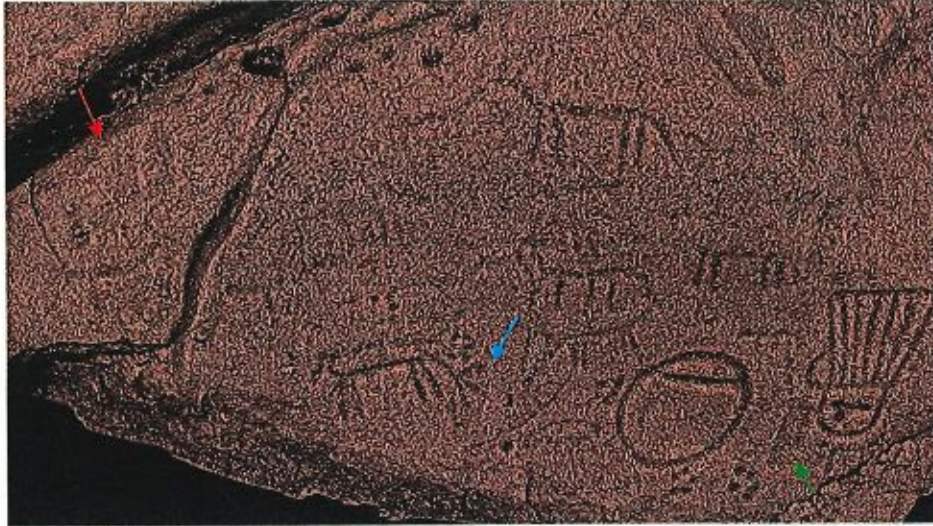


Figura 156: Fotogrametria do painel 2, com o par de podomorfos assinalado a vermelho, o podomorfo sobreposto pela cauda do zoomorfo a azul e o terceiro a verde.

Painel 3

O painel 3 localiza-se na zona declivosa, ainda assim menos acentuada, situada a sudeste da rocha, sobre o topo do painel 1 e a nordeste e este do painel 2. A norte é delimitado pelo rebordo de um patamar e a nascente pelo rebordo de um painel verticalizado. Ai foi possível identificar 7 pares de podomorfos, estando o pé esquerdo de um deles fraturado, orientados no sentido sudeste-noroeste. As suas medidas estão entre os 15 e 22 cm de comprimento, os 5,4 e 8 cm de largura e os 3 e 18 mm de profundidade. Foram gravados por percussão seguida de abrasão (Figs. 157 e 158).



Figura 157: Painel 3 do Penedo de S. Gonçalo.



Figura 158: Fotogrametria do painel 3.

Painel 4

Este painel situa-se no patamar estreito, próximo do topo do afloramento, mas existente pelo seu lado sul. Delimita-se a sul com o painel 2 e a sudeste com o painel 3 (Fig. 159). Nele existem pequenas pias naturais (2) e covinhas (26), que se unem por um sulco ou o circundam. O grande sulco que atravessa todo este painel vai terminar no painel 2, numa superfície de

inclinação bastante acentuada. As covinhas/pias naturais existentes neste painel têm medidas compreendidas entre os 1,5 e os 11 cm de diâmetro, por 0,2 a 4,3 cm de profundidade. Os sulcos medem à volta de 2 a 5,5 cm de largura e 0,2 a 1,5 cm de profundidade. Foram executados por percussão e, pelo menos em alguns casos, abrasão (Figs. 160 e 161).

Na experiência efetuada, quando colocada água na pia maior, esta escorre pela pendente sudoeste. Não sabemos onde poderia terminar porque o afloramento foi partido nessa extremidade (Fig. 162).

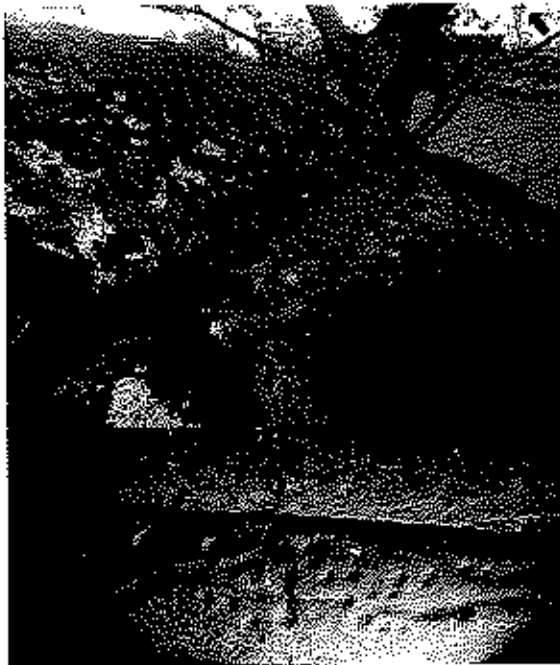


Figura 159: Em cima, painel 4 antes de limpo, visto de sudoeste. Em baixo, fotografia noturna do painel 4.



Figura 160: Pormenor do painel 4 após limpeza, visto de cima.

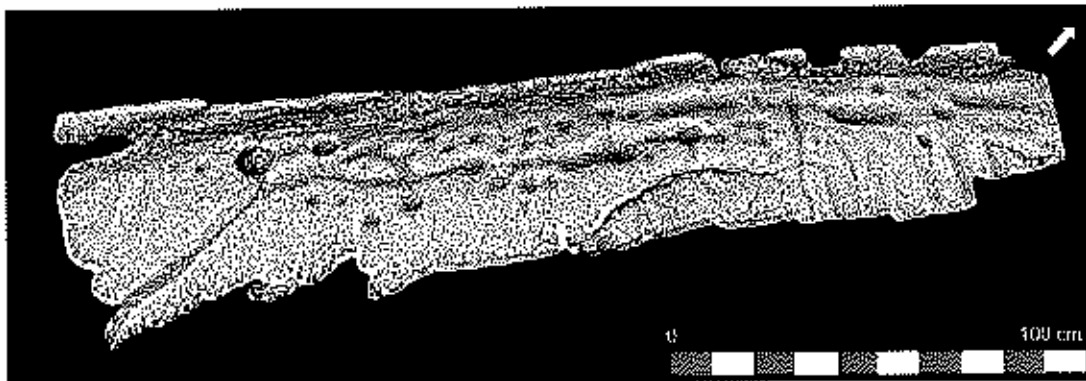


Figura 161: Fotogrametria do painel 4.



Figura 162: Experiência arqueológica levada a cabo.

Painel 5

Este painel corresponde a toda a superfície superior do afloramento, que se caracteriza por uma parte aplanada e por pequenas pendentes para norte e sul. A sul, este painel limita com o 4 (Fig. 163).

No topo existem três cavalos esquemáticos, sem cavaleiro, que se orientam de noroeste para nordeste. Encontram-se isolados dos restantes e um deles tem um conjunto de 5 covinhas a si associadas. Foram gravados por percussão seguida de abrasão, formando sulcos em U.

Estão, ainda, gravados neste painel 11 pares de podomorfos e 2 isolados, detetados a olho nu ou através da fotogrametria. Os podomorfos concentram-se a sudeste do painel, parte deles, em continuidade com os gravados no painel 3 e 1. Neste painel, os podomorfos parecem indicar a subida ao afloramento, vindos de norte, nordeste, noroeste, sudeste, sudoeste e este. Parece existir, ainda, um quadrúpede esquemático, mas distinto dos anteriores. Apresenta o corpo delineado por um segmento de reta, três patas e uma cabeça, esboçada através de uma covinha. Junto da eventual cabeça existe um conjunto de 5 pequenas covinhas, que parecem a pegada de um felino. Localiza-se a sudeste do painel, junto com vários pares de podomorfos (Fig. 164).

Na extremidade noroeste do topo foi gravado um motivo abstrato, nomeadamente um círculo concêntrico de 2 voltas, com covinha central, que se associa a um sulco meandriforme. Os sulcos medem cerca de 2 cm de largura e 1 cm de profundidade e foram realizados por percussão seguida de abrasão. Este motivo está muito erodido (Fig. 165 e 166).



Figura 163: Pannel 5 visto de cima.

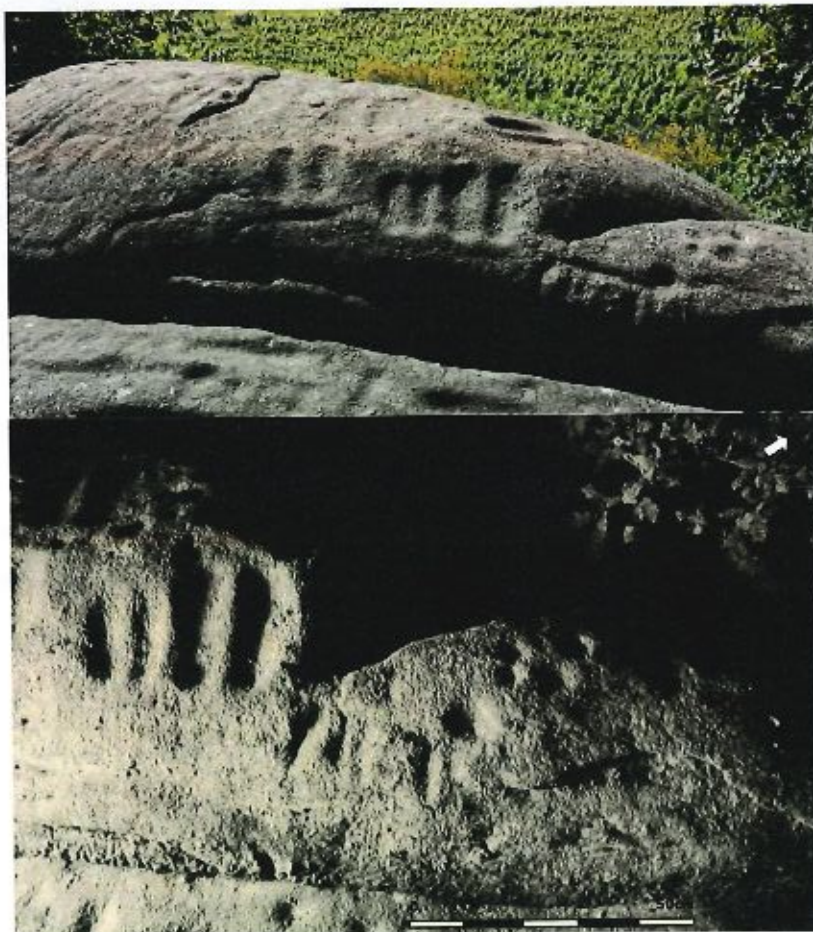


Figura 164: Pormenor da extremidade sudeste do pannel 5. Fotografias diurna e noturna.

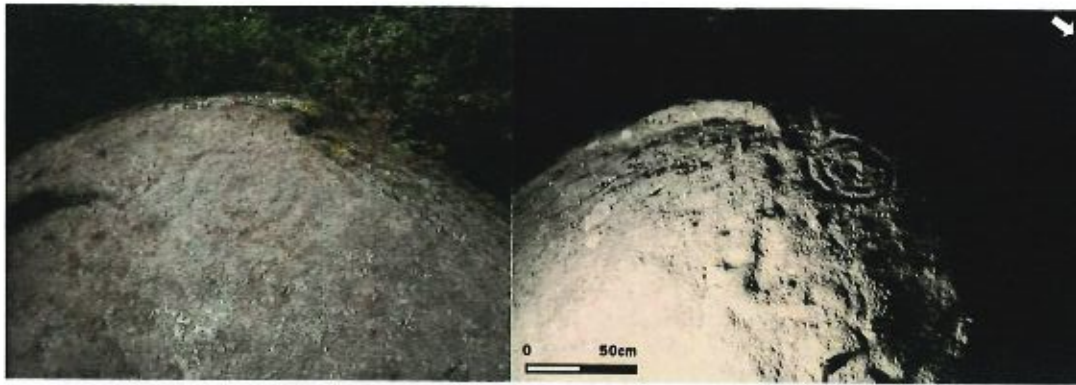


Figura 165: Pormenor da extremidade noroeste do painel 5. Fotografia diurna e noturna.



Figura 166: Fotogrametria do painel 5 do Penedo de S. Gonçalo, com o pormenor do círculo concêntrico.

3.2.6. Lenda atribuída ao local

Conta a lenda que S. Gonçalo, vindo de Vizela, ao chegar a Varziela e avistando o pequeno curso de água a que a população chama de Sousa (ribeiro de Longra), atirou a sua bengala para este, tendo o utensílio ido parar a Amarante, de onde é hoje o santo padroeiro (Fonte: população local).

3.2.7. Discussão dos dados e interpretações

3.2.7.1. Gravuras e estilos

Quanto à iconografia presente no Penedo de S. Gonçalo, podemos dizer que esta se parece distribuir por 5 painéis, previamente estipulados, embora seja possível considerar que entre os painéis 1 e 3 existe continuidade.

De uma forma geral podemos considerar que existem aqui motivos de estilo atlântico, como é o caso do círculo concêntrico e do sulco meandriforme que se lhe parece associar, existente na parte mais elevada do afloramento, a noroeste. Talvez os motivos do painel 4, numa área aplanada do afloramento, com sulcos, várias covinhas e aproveitamento de uma pequena pia, se possa integrar no estilo atlântico.

Segundo M. Santos-Estévez (2007), os quadrúpedes esquemáticos inserem-se na mesma cronologia que os quadrúpedes do estilo atlântico. Sendo estes motivos muito raros no esquemático atlântico e mais frequentes na arte atlântica, este investigador levanta a possibilidade de poderem ser considerados uma variante regional da zona costeira do noroeste português e do sudoeste galego. A.M.S. Bettencourt (2017a) coloca-os na arte proto-histórica.

Associados aos podomorfos, com uma exceção (que se associa ao equídeo do painel 5), encontram-se os conjuntos de 5 covinhas, que lembram patas de canídeos (cão, lobo, raposa, etc.).

Já o motivo subtrapezoidal do painel 2, pela sua raridade, não tem paralelos na arte do Noroeste. No entanto, motivos idênticos existem nas estelas do Sudoeste ibérico, onde foram identificados como liras (Díaz-Guardamino, 2010; Jiménez Pasalodos, 2012) (Figs.167-169). Assim, cremos que este motivo poderá ser, igualmente, uma lira do Bronze Final ou do Ferro Inicial, pelo que se podia inserir na arte proto-histórica do Noroeste, definida recentemente por Bettencourt (2017a). O motivo circular que se lhe associa, pelo tipo de sulco, parece ser seu contemporâneo.

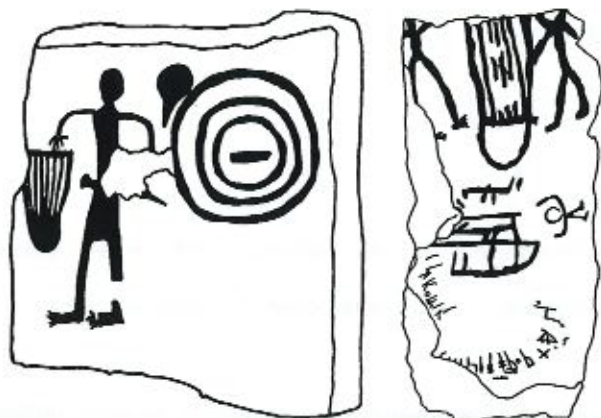


Figura 167: Estela de Quinterías-Herrera del Duque, à esquerda. Estela de Capote, à direita (Fonte: Díaz-Guardamino, 2010).



Figura 168: Motivo subtrapezoidal do painel 2 do Penedo de S. Gonçalo.



Figura 169: Estela de Luna, Aragón (Fonte: Jiménez Pasaodós, 2012: 225).

Tipos de podomorfos

Os podomorfos, por serem o objeto deste trabalho, merecem destaque. Em todo o afloramento existem 59. Distribuem-se, essencialmente, pela extremidade sudeste e este do afloramento, desde a base até ao topo (painéis 1, 2, 3 e parte do 5), que, apesar de ser bastante declivosa, é, também, a área que mais facilmente permite atingir o topo. Ocorrem alguns podomorfos dispersos no painel 2 (a sul), que é uma área de maior inclinação.

Os podomorfos organizam-se em 26 pares e 7 isolados. Nos painéis 1, 3, e parte sudeste do painel 5 (em áreas inclinadas), os podomorfos encontram-se orientados para noroeste, em todos os casos, ou seja, em direção ascendente, insinuando um percurso de subida e dando-nos a indicação de que é importante a subida deste afloramento ou do que ele significa metaforicamente. Ainda no painel 5, a oeste, norte e sudoeste, em área também inclinada, os podomorfos orientam-se em várias direções, dirigindo-se, igualmente, para o topo e acentuando assim a importância da subida. Propriamente no topo só existem 2 pares de podomorfos, orientados para noroeste.

São de várias dimensões (Tab. 6), compreendidas entre os 15 e os 24 cm de comprimento e os 3 e os 9,5 cm de largura, o que indicia que representam pessoas de várias idades, entre crianças e adultos. No entanto, são maioritárias as representações de pés de pequenas dimensões.

Tabela 6: Características gerais dos podomorfos do Penedo de S. Gonçalo

n ^o	Comprimento	Largura	Prof.	Orientação	Pé	Tipologia
1	15,5 cm	4,7 cm	12 mm	SE-NO	-	Calçados
2	19 cm	5 cm	5 mm	SE-NO	Esquerdo	Calçados
3	16 cm	7 cm	6 mm	SE-NO	Direito	
4	22 cm	6 cm	5 mm	SE-NO	Esquerdo	Calçados
5	22 cm	6 cm	2 mm	SE-NO	Direito	
6	20 cm	7,5 cm	6 mm	SE-NO	Esquerdo	Descalços
7	19,5 cm	9 cm	4 mm	SE-NO	Direito	
8	16 cm	5,5 cm	6 mm	SE-NO	Esquerdo	Calçados
9	16,5 cm	5,5 cm	4 mm	SE-NO	Direito	
10	21,5 cm	9 cm	3 mm	SE-NO	Esquerdo	Descalços
11	22,4 cm	9 cm	5 mm	SE-NO	Direito	
12	19,5 cm	7 cm	9 mm	SE-NO	Esquerdo	Descalços
13	19,3 cm	7 cm	8 mm	SE-NO	Direito	
14	19,9 cm	6,6 cm	5 mm	SE-NO	Esquerdo	Descalços
15	20,3 cm	6 cm	6 mm	SE-NO	Direito	
16	17 cm	7,2 cm	10 mm	SE-NO	Esquerdo	Calçados
17	19,4 cm	6,5 cm	3 mm	SE-NO	Direito	
18	23 cm	8 cm	5 mm	SE-NO	Esquerdo	Descalços
19	22,5 cm	8,5 cm	11 mm	SE-NO	Direito	
20	21,4 cm	7,2 cm	7 mm	SE-NO	Esquerdo	Calçados
21	24 cm	Fraturado	4 mm	SE-NO	Direito	
22	Fraturado	7 cm	5 mm	SE-NO	Esquerdo	Calçados
23	15 cm	6 cm	18 mm	SE-NO	Direito	
24	19,2 cm	5,6 cm	5 mm	SE-NO	Esquerdo	Descalços
25	19,3 cm	6 cm	5 mm	SE-NO	Direito	
26	16,5 cm	6,5 cm	6 mm	SE-NO	Esquerdo	Calçados
27	17 cm	5,4 cm	4 mm	SE-NO	Direito	
28	19,4 cm	8 cm	5 mm	SE-NO	Esquerdo	Descalços
29	22 cm	8 cm	6 mm	SE-NO	Direito	

Podomorfos na Fachada Ocidental do Noroeste de Portugal, entre os Rios Douro e Minho

30	20,5 cm	6 cm	10 mm	SE-NO	Esquerdo	Descalços
31	21,2 cm	7 cm	11 mm	SE-NO	Direito	
32	13,6 cm	3 cm	10 mm	SE-NO	Esquerdo	Calçados
33	13,8 cm	3,3 cm	8 mm	SE-NO	Direito	
34	14,4 cm	3,3 cm	11 mm	E-O	Esquerdo	Descalços
35	14,6 cm	4,3 cm	14 mm	E-O	Direito	
36	19,5 cm	6 cm	8 mm	SE-NO	Esquerdo	Calçados
37	20,5 cm	5,9 cm	4 mm	SE-NO	Direito	
38	21 cm	7 cm	4 mm	NO-SE	Esquerdo	Descalços
39	21 cm	8 cm	6 mm	NO-SE	Direito	
40	20 cm	7,2 cm	5 mm	N-S	Esquerdo	Calçado/ Indeterminado
41	Muito erodido			N-S	Direito	
42	22 cm	8,5 cm	10 mm	N-S	Esquerdo	Descalços
43	21 cm	8,4 cm	2,4 mm	N-S	Direito	
44	18 cm	9,5 cm	2 mm	N-S	Esquerdo	Descalços
45	17,5 cm	8,5 cm	2 mm	N-S	Direito	
46	16 cm	5,5 cm	1 mm	SE-NO	Direito	Indeterminado
47	16,2 cm	5 cm	1 mm	SE-NO	-	Indeterminado
48	15 cm	5 cm	10 mm	SE-NO	-	Indeterminado
49	16 cm	5 cm	-	E-O	Esquerdo	Indeterminado
50	16 cm	5 cm	-	E-O	Direito	
51	19,5 cm	6 cm	-	SE-NO	-	Descalço
52	19 cm	6 cm	-	SE-NO	Esquerdo	Calçados
53	18,5 cm	5,5 cm	-	SE-NO	Direito	
54	19 cm	6 cm	-	SE-NO	Esquerdo	Descalços
55	18 cm	5 cm	-	SE-NO	Direito	
56	18,5 cm	5 cm	-	SE-NO	-	Indeterminado
57	16 cm	5 cm	-	SE-NO	-	Indeterminado
58	17 cm	5,5 cm	-	SE-NO	Esquerdo	Calçados
59	17,8 cm	6 cm	-	SE-NO	Direito	

3.2.7.2. Sobreposições

As sobreposições são raras. Esta parece ocorrer, apenas, num dos podomorfos identificado no painel 2, que parcialmente é sobreposto pela parte traseira de um cavalinho esquemático (Fig. 170).

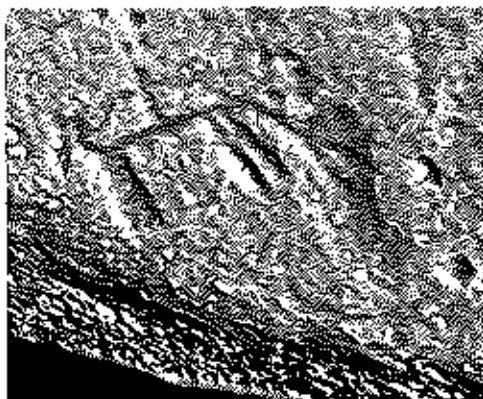


Figura 170: Fotogrametria do pormenor da sobreposição do podomorfo do painel 2.

3.2.7.3. Técnicas

Apesar de todos os motivos terem sido gravados por percussão, seguida de abrasão, as dimensões e profundidades dos sulcos são distintas, assim como a sua visibilidade.

O motivo da arte atlântica tem sulcos de 2 cm de largura por 1 cm de profundidade e é dos mais erodidos do conjunto.

Os quadrúpedes são os motivos de traço mais fino, com sulcos de 1 cm de largura por 0,1 a 0,3 cm de profundidade.

Por sua vez, os dois eventuais motivos musicais são os de traço mais largo (1 a 3 cm) e têm uma profundidade entre os 0,2 e os 0,3 cm.

Os podomorfos foram realizados todos em baixo relevo, com profundidades variadas, entre os 0,2 e 1 cm.

Os conjuntos de covinhas têm profundidades compreendidas entre os 0,4 e 1 cm.

3.2.8. Interpretações

Se quisermos traçar a biografia deste lugar, podemos admitir que os primeiros motivos gravados foram as composições circulares e as covinhas e sulcos pertencentes à denominada arte atlântica, que não eram visíveis para quem se encontrasse no exterior do afloramento, parecendo, assim, estar vinculadas com uma lógica de comunicação com o mundo celeste, dada a sua distribuição no topo do afloramento e em área aplanada. Admitimos que essa etapa se verificou

no Neolítico, mais concretamente no 4º milénio a.C., ao adotarmos a cronologia de L. Alves (2003) para a arte atlântica no Noroeste.

Não obstante esta ocupação antiga, parece ter sido só a partir da Idade do Bronze que este afloramento se tornou lugar de visitação cíclica, com a integração dos motivos atlânticos numa outra forma de "estar no mundo", materializada através de histórias onde estão presentes diversos cavalos e alguns cavaleiros (pastores?) que se movem, essencialmente, para nordeste (painel 2). No topo, cavalos, sem cavaleiros, distribuem-se, quase em parada, para nordeste. Esta nova gramática de signos obedece a outra lógica espacial. Os motivos dispõem-se no afloramento para serem vistos e "percebidos", durante o nascer do sol e o ocaso, pela audiência que estivesse colocada à frente do Penedo de S. Gonçalo, pelos lados sul e sudoeste.

Já a distribuição dos podomorfos, maioritariamente existentes a sudeste do afloramento, altera a lógica de visibilidade anterior, por parte da audiência, e indicia, também, ações em que esta entra em contato direto com o afloramento. Os podomorfos humanos que representam pés descalços de crianças, de jovens e de adultos indiciam, agora, a subida ao topo do afloramento ou do que ele simboliza (sítios altos e com boa visibilidade), acompanhados e/ou perseguidos por canídeos.

Apesar das diferenças existentes entre as narrativas dos cavalos e as dos podomorfos, parece existir algo em comum entre elas. Em ambas se pretende alcançar o cume através de declives acentuados e custosos. No primeiro caso, os humanos são transportados e transportam cavalos para esse cume. No segundo, os humanos fazem essa "peregrinação" a pé, apesar de serem "perseguidos" ou "acompanhados" por um animal. Talvez, por esse motivo, possam não ser muito distantes no tempo, mas apenas materializar a mesma ideologia de forma distinta. Após nos termos tentado colocar sobre estes motivos, descalços, constatámos que o ato de subir o afloramento, através dos podomorfos dos painéis 1 e 3, é praticamente impossível ou muito custoso. No percurso final, na vertente sudeste do painel 5, imediatamente antes do topo, a dificuldade também existe. Apenas se está confortável no topo ou muito perto dele.

O facto de os podomorfos serem gravados em baixo relevo indicia grande investimento humano na perpetuação futura das ações e cerimónias que estão por detrás destes gestos.

Da última fase de gravação serão os dois grandes motivos, gravados de forma mais profunda do que os anteriores. A sua localização face a alguns cavalos faz pensar que terão sido gravados posteriormente, pois impedem a visualização da totalidade da cena equestre. O mesmo parece acontecer em relação aos podomorfos. O motivo de tendência triangular parece

corresponder a uma lira de base arredondada, com paralelos em algumas “estelas” datadas dos finais do Bronze Final, inícios da Idade do Ferro, nomeadamente as de Valpalmas (Zaragoza) ou de Capote (Badajóz) (Jiménez Pasalodos, 2012). Nesta perspetiva, talvez o motivo circular possa representar um escudo, embora de morfologia distinta daquele que se associa à estela de Valpalmas, que é de “escotadura” em V e típico do Sudoeste ibérico. No entanto, não podemos descartar que seja, também, um instrumento musical, nomeadamente um membranofone de percussão, como um tambor ou pandeireta, pelas suas dimensões em relação à lira de mão.

A gravação de uma lira, objeto de influência mediterrânica no Noroeste, associado à expansão do banquete e do festim religioso, segundo Jiménez Pasalodos (2016), representa mais um dado que evidencia a importância das influências mediterrânicas no Noroeste ibérico, nos finais da Idade do Bronze, inícios da Idade do Ferro, e demonstra a grande importância simbólica das cerimónias realizadas no lugar do Penedo de S. Gonçalo, durante este período, onde a música ou o seu significado não estariam ausentes.

A arte rupestre no Penedo de S. Gonçalo aparece, na sua grande maioria, agrupada por tipologias de motivos. Juntando esta circunstância ao facto de praticamente não existirem sobreposições de gravuras, colocamos a hipótese de que as populações, que durante milénios frequentaram este lugar, foram sucessivamente, e por norma, respeitando os motivos mais arcaicos, talvez os reconhecendo como simbolicamente importantes, embora reintegrando-os numa nova linguagem dos signos.

Ainda nos dias de hoje, o penedo usufrui de alguma importância para a população, em especial a imigrante, que ao voltar a Portugal e ao visitar a rocha tem por hábito nela tocar, enquanto profere orações de âmbito cristão.

O conjunto de dados recolhidos testemunha a grande importância simbólica e social que este afloramento teve na longa duração, apesar das diferentes significações a que foi sendo sujeito.

3.3. A Fraga das Passadas

3.3.1. Localização administrativa e contexto físico e ambiental

A Fraga das Passadas localiza-se no lugar de Souto/Barrosa, na freguesia de Bustelo, concelho de Chaves, distrito de Vila Real. As suas coordenadas geográficas decimais, no sistema

2.2. Distribuição geográfica

No que diz respeito à distribuição geográfica dos afloramentos com podomorfos, a sua maior proliferação ocorre no interior do noroeste português, com 30 rochas identificadas, em contraposição com o litoral, onde apenas 4 foram detetadas com estes signos (Fig. 190). Os concelhos com maior número de afloramentos com podomorfos são os de Guimarães (com 5), Barcelos (com 3), Caminha (com 3) e Chaves (com 3), sendo os com menor número Celorico de Bastos (com 1), Fafe (com 1), Terras do Bouro (com 1), Felgueiras (com 1), Penafiel (com 1) e Póvoa de Varzim (com 1). Já no que toca ao número de podomorfos por afloramento, os concelhos de Chaves (1 afloramento com 103 podomorfos), Felgueiras (1 afloramento com 59 podomorfos) e Terras do Bouro (1 afloramento com 12 podomorfos) são os que registam as rochas mais profusamente gravadas. Os concelhos que detêm afloramentos com menor número de podomorfos são o de Celorico de Bastos, o de Fafe, o de Vieira do Minho, o de Lousada, o de Marco de Canaveses, o de Penafiel, o de Viana do Castelo e o de Boticas, todos eles com um afloramento com apenas 2 podomorfos.

Em termos das bacias fluviais, estes motivos ocorrem com maior intensidade na bacia do Douro, com 12 casos, estando 6 deles localizados na sub-bacia do Tâmega. Na bacia do Ave conhecem-se 7 casos, principalmente no seu curso superior e médio, e nas bacias do Minho e do Cávado outros 5 em cada uma. Na bacia do Lima ocorrem 2 casos e na do Âncora 1 caso. Dois afloramentos encontram-se na plataforma litoral, não se enquadrando em nenhuma bacia hidrográfica de forma muito específica. Tratam-se das Pegadas de Santo André, na Póvoa de Varzim, e do Salgueiro 1, em Viana do Castelo.

2.3. Contexto físico

A grande maioria destas rochas, ou seja, 19 (55,9%) situam-se a uma **altitude** que varia entre os 200 m e os 700 m em relação ao nível médio das águas do mar, enquanto 9 (26,5%) estão abaixo dos 200 m e apenas 4 (11,8%) se implantam acima dos 700 m de altitude. Em dois casos (5,9%) não foi possível determinar a altitude a que se encontram os afloramentos. A altitude mínima é de 24 m e corresponde a A ver-o-mar, na Póvoa de Varzim. A máxima é de 1178 m e corresponde ao Fleirai, em Melgaço.



Figura 213: Vista obtida do cimo do Senhor do Monte, para poente, onde é notório o domínio visual do entorno circundante, a vários quilómetros (Fonte: https://www.geocaching.com/geocache/GC127DV_santuario-do-senhor-do-monte).

2.6. Aspetos formais e técnicos

2.6.1. Tipologia

Relativamente à classificação tipológica dos podomorfos, apesar de existirem quadros tipológicos, tanto para os podomorfos dos rios Ceira e Alva, no Centro de Portugal (Ribeiro *et al.*, 2010b), como para Alagoa, Tondela, no Centro-Norte (Gomes e Monteiro, 1974-1977), optámos por efetuar uma tipologia própria, adequada aos casos de estudo, dadas as especificidades do Noroeste português.

Assim, dividimos os podomorfos em dois grandes grupos: o dos podomorfos descalços (Grupo 1) e o dos podomorfos calçados (Grupo 2).

Consideramos como podomorfos descalços todos aqueles que apresentam a extremidade inferior arredondada e mais estreita e a superior oblíqua e mais alargada, por corresponder à forma anatómica da maioria dos pés. Dentro deste grupo cabem, ainda, os podomorfos onde se nota nitidamente a marca dos dedos, o que é raro, dado a natureza granítica da maioria das rochas gravadas no Noroeste de Portugal.

Como podomorfos calçados foram considerados todos aqueles que apresentam a extremidade superior arredondada ou ovalar, de largura superior ou quase igual à extremidade inferior. Tivemos em conta nesta definição os dados arqueológicos ou representações de solas

pré-históricas que se conhecem na Ibéria e que têm sempre este formato genérico. Tal é o caso das solas neolíticas, de fibras vegetais, da gruta de Murciélagos de Albuñol, em Granada (Carrasco Ruz e Pachón Romero, 2009); do par de sandálias de calcário de um dos hipogeus de Alapraia, em Cascais (Gomes, 2010), e das representadas na estela alentejana do Ervidel I, em Aljustrel (Gomes e Monteiro, 1976-1977).

No Grupo 1 (descalços) contabilizaram-se 118 podomorfos (53.9%) e no Grupo 2 (calçados) 81 podomorfos (37%). Não foi possível caracterizar tipologicamente 20 petróglifos, por não terem sido descobertos ou visualizados, encontrando-se, por vezes, debaixo de musgos e líquenes, bem como por se encontrarem muito erodidos (Tab. 1).

Tabela 14: Podomorfos por grupos

Tipologia Geral	N.º de podomorfos
Grupo 1 - descalços	118
Grupo 2 - calçados	81
Indeterminados	20
TOTAL	219













No grupo 2, dos podomorfos calçados, foi possível individualizar quatro grandes subcategorias formais: os de sola simples; os de sola simples com alguns traços irregulares (correias?); os de sola com o tacão individualizado e os de sola com picotado total (Tab. 15).

Tabela 15: Subgrupos de podomorfos calçados

Grupo 2 - calçados	N.º de podomorfos
Com sola simples	39
Com tacão	40
Com tacão e picotado	1
Com sola simples e traços irregulares	1
TOTAL	81

A maioria, ou seja, 41 casos (50.6%) correspondem a podomorfos com tacão, tendo um deles o contorno picotado, e 40 correspondem a podomorfos com solas simples (49.4%), sendo que um tem traços irregulares (Tab.16).

Tabela 16: Tipologias dos podomorfos

GRUPO 1 - DESCALÇOS		
		
1	2	3
		
4	5	6
GRUPO 2 - CALÇADOS		
Com sola simples		Com solas simples e traços irregulares
		
7	8	9
Com tacão		Com tacão e picotado
		
10	11	12

Legenda: Grupo 1 (**Descalços**): 1-Fraga das Passadas, Chaves; 2-Penedo de S. Gonçalo, Felgueiras; 3-São Romão 11, Guimarães; 4-Outeiro do Tripe 1 – Rocha 3; 5-Monte do Facho, Barcelos; 6-Penedo de S. Gonçalo, Felgueiras. Grupo 2 (**Calçados**): 7-São Romão 4, Guimarães; 8-Serra dos Campelos 2, Lousada; 9-Outeiro do Tripe 1 – Rocha 12, Chaves; 10 a 12-Fraga das Passadas, Chaves.

**GRAVURAS RUPESTRES DO PENEDO DE S.
GONÇALO (FELGUEIRAS, PORTO).**

**RELATÓRIO TÉCNICO-CIENTÍFICO DOS TRABALHOS
ARQUEOLÓGICOS DESENVOLVIDOS
EM 2017**

José Moreira

Ana M. S. Bettencourt

Manuel Santos-Estévez

Laboratório de Paisagens, Território e Património, Lab2.pt

Universidade do Minho

Braga, 2018

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO

2. OBJETIVOS E METODOLOGIA DE TRABALHO

2.1. Objetivos

2.2. Metodologia

3. ESTUDO DO PENEDO DE S. GONÇALO

3.1. Localização administrativa e contexto físico e ambiental

3.2. Contexto arqueológico

3.3. Descrição física do afloramento

3.4. Descrição dos motivos gravados e identificação dos diferentes painéis

3.4.1. Os diferentes painéis

3.4.1.1. Painel 1

3.4.1.2. Painel 2

3.4.1.3. Painel 3

3.4.1.4. Painel 4

3.4.1.5. Painel 5

3.5. Lenda atribuída ao local

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

EQUIPA DE TRABALHO

BIBLIOGRAFIA

FIGURAS

ANEXO I - FICHA DE SÍTIO

Ficha de Sítio/Trabalho Arqueológico

(para acompanhar o relatório)

Sítio Arqueológico

Designação

Penedo de S. Goncalo

Distrito Porto

Concelho Felgueiras

Freguesia Uniao de freguesias de Margarid

Lugar Espadilha / Boca

C.M.P. 1:25.000 folha n.º 99

Altitude (m) 225

Coordenada X 564.808

Coordenada Y 4.577.077

Tipo de sítio * Arte rupestre

Período cronológico * Neolítico; Idade do Bronze; Idade do Ferro

Descrição do sítio (15 linhas)

Afloramento de grandes dimensoes e bem destacado do solo no inicio do vale do ribeiro de Longra, afluente do rio Sousa. Foi profusamente gravado. No topo apresenta alguns motivos circulares ligados por sulcos, nomeadamente circulos concentricos com covinha central, muito erodidos mas que inserem este lugar na arte atlantica do Neo-Calcolitico. Posteriormente o afloramento foi gravado com motivos proto-historicos, nomeadamente equideos esquematicos, alguns deles montados, diversos podomorfos, essencialmente de cirancas e de juvenis, e o que parecem instrumentos musicais, como uma lira e, talvez, um instrumento de percussao.Os motivos foram gravados por percussao seguida de abrasao e em baixo relevo.

Bibliografia

FREITAS, E. (1985). Felgueiras Rubeas, Subsidios para a Historia do Concelho de Felgueiras, Felgueiras: Edicao Correio do Minho (1 edicao).
SARMENTO, F.M. (1999). Antiqua. Apontamentos de Arqueologia. Guimaraes, Sociedade Martins. Sarmento.

Proprietários Miguel Maria de Souza e Hosltein Campilho

Classificação *

Decreto

Estado de conservação * Bom

Uso do solo * Agricola

Ameaças * Efeitos erosivos do clima

Protecção/Vigilância *

* Preencher de acordo com a lista do *Thesaurus* do ENDOVÉLICO. Essa lista poderá ser consultada em: www.igespar.pt

Acessos

O acesso faz-se a partir da estrada nacional n 207, que passa nesta freguesia. Ai, transitar na direcao Longra-Varziela. Apos passar por baixo da ponte da A42, virar na segunda rua a esquerda e descer ate ao seu fim. Ai, segue-se, a pe, por um caminho carreteiro, que fica logo em frente a estrada, cerca de 200 m. O Penedo de S. Goncalo

Descrição do Espólio

Nao foi registado espolio.

Local de depósito Nao se aplica.

Trabalho Arqueológico Anual

Arqueólogo responsável Jose Moreira; Ana M. S. Bettencourt; Manuel Santos-Estevez

Tipo de trabalho * Levantamento de arte rupestre

Datas: de início 3/9/2017 de fim 11/9/2017 duração (em dias) 9

Projecto de Investigação Paisagem e representacao do poder na Pre-Historia Recente: Arte At

Objectivos (10 linhas)

O objectivo geral deste estudo foi o de aumentar os conhecimentos sobre a arte rupestre do noroeste portugues.

Os objetivos especificos passaram:

- pela identificacao e analise dos varios motivos representados no afloramento, em articulacao com a geoforma e o contexto de implantacao;
- pelo estabelecimento da biografia deste lugar, enquanto espaco socialmente

Resultados (15 linhas)

O Penedo de S. Goncalo esta situado numa zona de vale, junto a margem esquerda do ribeiro de Longra de Sousa, afluente do rio Sousa, pertencente, portanto, a bacia do Douro. A partir deste afloramento, obtem-se uma grande visibilidade sobre toda a envolvente, incluindo o vale onde este se insere. O menor dominio visual e para sul. Trata-se de um afloramento granitico de grandes dimensoes, impressionante na paisagem, sendo o unico de grandes dimensoes nas imediacoes. Orienta-se de sudeste para noroeste, tendo cerca de 4,70 m de comprimento, 4,20 m de largura e 2,40 m de altura. A superficie gravada e muito inclinada a su-sudoeste, razoavelmente inclinada a sudeste e horizontalizada no topo e no patamar existente perto deste. Contem algumas diaclases e encraves de quartzo de reduzidas dimensoes. Encontra-se partido a nordeste, norte, noroeste, oeste e sudoeste.

A rocha foi dividida em 5 paineis, existindo distribuidos por estes 59 podomorfos, aos

* Preencher de acordo com a lista do *Thesaurus* do ENDOVÉLICO. Essa lista poderá ser consultada em: www.igcspar.pt

1. INTRODUÇÃO

O penedo de S. Gonçalo é conhecido desde os fins do séc. XIX, inícios do XX, por Francisco Martins Sarmiento, que o designa por Penedo da Varziela ou por Penedo das Pegadinhas (Sarmiento, 1999: 411, 415). É, também, citado numa monografia local, como tendo covinhas (Gomes, 1966), e por Emília Abreu (2012b: 359). No entanto, o seu estudo científico nunca foi efetuado, pelo que este trabalho se justifica plenamente. Além disso trata-se de um dos casos de estudo mais interessantes do projeto *Podomorfos na Fachada Ocidental do Noroeste de Portugal, entre os Rios Douro e Minho*, desenvolvido para a dissertação de Mestrado em Arqueologia do primeiro subscritor deste trabalho (JM), pela excecionalidade, em número e qualidade, dos motivos gravados, assim como pela quantidade de podomorfos gravados.

2. OBJETIVOS E METODOLOGIA DE TRABALHO

2.1. Objetivos

Os objetivos de estudo passaram pela identificação e análise dos vários motivos representados, bem como pelo estabelecimento da biografia deste lugar, enquanto espaço socialmente significativa para diferentes populações.

2.2. Metodologia

De forma a estudar o Penedo de S. Gonçalo e as suas gravuras optou-se por realizar, em primeiro lugar, uma recolha bibliográfica que permitisse tomar conhecimento do estado geral dos estudos ligados a este penedo. Após essa etapa, que possibilitou conhecer a existência de parte das gravuras, nomeadamente alguns podomorfos, o passo seguinte foi a visita ao local. Neste âmbito foi realizada a inventariação, a análise do contexto físico e ambiental do afloramento e a sua descrição exaustiva em termos físicos, o que contemplou aspetos como o tipo de rocha, as suas dimensões, características, topografia, etc. Foram, ainda, verificados os diferentes pontos significantes observáveis a partir do topo do afloramento.

Aquando desta visita foram detetadas novas gravuras sob os musgos que cobriam o Penedo de S. Gonçalo, pelo que este necessitava de ser limpo para uma análise global dos motivos gravados (Fig. 1). Para esse efeito agendou-se o trabalho de campo, que

após a sua aprovação pela tutela, foi realizado em setembro de 2017. Estes inseriram-se, igualmente, nos projetos *Paisagem e representação do poder na Pré-História Recente: Arte Atlântica e Estátuas-Menir – PARES*, com a referência (SFRH/BPD/93700/2013), coordenado por um dos subscritores deste trabalho (MSE) e “*Arte Rupestre do Noroeste da Ibéria. Liminaridade e Heterotopia*”, da responsabilidade de AMSB.

O processo de limpeza do afloramento foi efetuado a seco, utilizando-se escovas macias que, girando de forma circular, levemente sobre a rocha, permitiram retirar eficazmente a maioria dos musgos nela presentes. Usaram-se, ainda, vários tipos de vassouras, pás e baldes.

Com a limpeza terminada, tornaram-se visíveis muitas outras gravuras, de diferentes tipologias, o que permitiu, por um lado, ter um olhar mais completo da iconografia presente no Penedo de S. Gonçalo e, por outro, analisar todas as gravuras existentes, de forma mais completa, para a definição de painéis (Fig. 2).

Este processo foi, ainda, acompanhado do levantamento fotográfico e da fotogrametria dos diferentes painéis identificados. Foram elaboradas fotografias gerais da rocha, do contexto da sua implantação, dos diferentes painéis e do pormenor de alguns motivos. As fotografias foram tiradas durante o dia ou à noite, com luz rasante. Para a fotogrametria, tiraram-se fotografias de toda a superfície gravada. Para que a fotogrametria fosse eficiente, cada uma das fotografias foi sobreposta, cerca de um terço, às anteriores que se situavam, imediatamente, acima, abaixo e aos lados. Foi, ainda, necessário que toda a superfície rochosa estivesse iluminada da mesma forma. De salientar que se optou por realizar a fotogrametria por painéis, pois a dimensão da totalidade da área gravada, assim como a quantidade de fotos necessárias para a sua fotogrametria total, não seriam executáveis com o *software* utilizado. Tentou-se, também, obter uma vista de cima do afloramento, com o auxílio de um drone, mas a existência de árvores encostadas ao mesmo dificultou esta tarefa.

Terminado o processo de campo, os dados foram tratados em gabinete. Aí, selecionaram-se as fotografias necessárias e aplicáveis à fotogrametria. Após a sua inserção no programa *Agisoft PhotoScan*, seguiram-se os passos devidos para obter o modelo fotogramétrico pretendido. Posteriormente os modelos foram transportados para

O local encontra-se nas imediações do casario e no seio de campos agrícolas privados, pertencentes à Casa das Figueiras (Fig. 4).

O acesso faz-se a partir da estrada nacional nº 207, que passa nesta freguesia. Aí, transitar na direção Longra-Varziela, Após passar por baixo da ponte da A42, virar na segunda rua à esquerda e descer até ao seu fim. Aí, segue-se, a pé, por um caminho carreteiro, que fica logo em frente à estrada, cerca de 200 m. O Penedo de S. Gonçalo fica no limite de uma vinha da Casa das Figueiras.

3.2. Contexto arqueológico

Nas imediações do afloramento não se conhecem outros vestígios arqueológicos, mas, no aro destas freguesias o Monte de S. Domingos parece ter tido ocupação pré-romana (VV. AA. 1991). No lugar do Monte, em Refontoura, a cerca de 3 km para este, há notícia de um depósito de machados de talão (Freitas, 1985: 16-17).

3.3. Descrição física do afloramento

O Penedo de S. Gonçalo corresponde a uma bola de granodiorito porfiroide, biotítico, com megacristais muito desenvolvidos, segundo (Pereira, 2012). É de grandes dimensões e altura, o que o torna particularmente impressionante no espaço onde aflora. Nenhum outro afloramento da região tem similares proporções. Orienta-se de sudeste para noroeste, tendo cerca de 4,70 m de comprimento, 4,20 m de largura e 2,40 m de altura. De observar, ainda, a existência de duas diaclases, orientadas de este para oeste, que atravessam o afloramento de uma extremidade à outra. Contém alguns enclaves de quartzo, de pequenas dimensões.

Encontra-se fraturado pelos lados sudoeste e norte, embora a grande maioria dos blocos que se separaram dele se encontrem junto ao mesmo. Conseguiram-se observar 10 fraturas, tendo três delas danificado, inclusivamente, algumas gravuras, nomeadamente as existentes no lado sudoeste.

o programa *MeshLab*, por forma a dar maior nuance às diferentes gravuras. Depois de analisados os resultados, foi possível identificar, pelo menos, 11 podomorfos não observados macroscopicamente e precisar outros motivos.

Os trabalhos contaram com o apoio do Departamento de História da Universidade do Minho e da União de Freguesias de Margaride (Santa Eulália), Várzea, Lagares, Varziela e Moure, do concelho de Felgueiras.

3. ESTUDO DO PENEDO DE S. GONÇALO

3.1. Localização administrativa e contexto físico e ambiental

O Penedo de S. Gonçalo situa-se no lugar da Espadilha, arcaicamente chamado de lugar da Boca, atualmente inserido na união de freguesias de Margaride (Santa Eulália), Várzea, Lagares, Varziela e Moure, concelho de Felgueiras, distrito do Porto. Encontra-se dentro dos antigos limites administrativos de Varziela, embora na sua extremidade fronteira com Sernand. As coordenadas geográficas decimais no sistema WGS84 do sítio são: 564.808; 4.577.077. Está a uma quota aproximada de 225 m (Fig. 3).

Situa-se na base da vertente sudeste de um relevo residual existente no vale do Sousa, sobranceiro ao vale do ribeiro de Longra, afluente ou uma das nascentes do rio Sousa, importante afluente da margem norte do Douro, numa área de fácil acessibilidade por diversos quadrantes.

Trata-se de uma região onde predominam os granodioritos porfíroides, biotíticos, com megacristais muito desenvolvidos (Pereira, 1992). Os recursos mineiros de estanho ocorrem com abundância no concelho de Felgueiras, conhecendo-se minerações de estanho, como por exemplo a do Campo Mineiro do Seixoso, em Borba de Godim, (Pereira, 1992) a cerca de 9 km para sudeste da Varziela.

Do Penedo de S. Gonçalo há uma boa visibilidade sobre o espaço circundante, excetuando o quadrante sul. É visível a bacia de receção do ribeiro de Longra, tal como a serra dos Perdidos e o Alto das Barrancas, a nordeste; a serra do Maninho, a oeste; o Alto de Santana, a sudoeste, e o monte de Tárrio, a este. Do local é audível o correr da água do ribeiro.

Topograficamente falando o topo do afloramento, com tendência horizontal e que se estende de noroeste para sudeste, é estreito, sendo as restantes paredes caracterizadas por declives mais ou menos acentuados. No início da parede sul ocorre um pequeno patamar, também de distribuição noroeste-sudeste, estreito e de tendência horizontal. As restantes paredes são declivosas, sendo as menos declivosas as do quadrante sudeste. (Fig. 5).

3.4. Descrição dos motivos gravados e identificação dos diferentes painéis

A superfície gravada não é homogênea, tendo algumas áreas sido escolhidas intencionalmente para esse facto. Por esse motivo optou-se por dividir as gravuras em 5 painéis diferentes. A divisão dos painéis foi realizada seguindo critérios como a distribuição das gravuras, a inclinação da superfície gravada e as diaclases existentes.

3.4.1. Os diferentes painéis

Os painéis 1, 2 e 3 encontram-se na parte mais declivosa e inferior do afloramento, estando separados uns dos outros pelas suas orientações. O painel 4 localiza-se acima dos anteriores, numa pequena aba horizontalizada do afloramento. Já o painel 5 ocupa o topo do afloramento e uma pequena pendente existente entre o topo e a plataforma correspondente ao painel 4.

3.4.1.1. Painel 1

O painel 1 localiza-se na base do declive este-sudeste da rocha. Delimita-se, a norte, noroeste e nordeste por uma diaclase e a sul e sudeste, pelo início da parede vertical que se enterra no solo. Nele foram gravados dois quadrúpedes, próximos um do outro, que se orientam no sentido sudoeste-sudeste; 7 pares de podomorfos, estando o pé direito de um deles fraturado; um pé direito isolado e cerca de 12 agrupamentos de 5 covinhas, estas associadas aos podomorfos e por vezes localizadas atrás dos calcanhares humanos. Estes conjuntos de covinhas fazem lembrar pegadas de canídeos ou felinos. Quanto aos podomorfos, estes orientam-se de sudeste para noroeste (Figs. 6 e 7).

As suas dimensões variam entre os 16 e os 23 cm de comprimento, os 5 e os 9 cm de largura e os 2 e os 7 mm de profundidade. Foram gravados em baixo relevo.

3.4.1.2. Painel 2

O painel 2 delimita-se, a sudeste, por uma diaclase que o separa do painel 1; a norte, pelo rebordo de um patamar; a noroeste e a oeste por uma diaclase, pouco profunda, que existe no afloramento, no sentido sudoeste-nordeste; a nordeste e este, por uma angulação, a partir do qual a parede do afloramento se vira para sudeste; e a sul, pelo início da parede vertical que se enterra no solo. Nos declives sudoeste e sul, de forte pendente, foram gravados 13 quadrúpedes, representados de forma muito esquemática, mas que pela forma da cabeça parecem estar em movimento. Tratam-se de cavalos, 3 deles montados, que se orientam de sudoeste para sudeste (em 7 casos) e vice-versa (em 6 casos). Um dos cavaleiros localiza-se na parte superior da composição e outra na parte inferior, como se guardassem a manada. O cavaleiro da parte inferior parece apresentar-se em perspectiva torcida, com os braços abertos, parecendo segurar rédeas na mão direita. Foram realizados com sulcos de 1 cm a 2 cm de largura e de 0,1 a 0,3 cm de profundidade. Existem, ainda, 2 podomorfos isolados, no declive sul, um deles localizado entre dois grandes motivos (um circular e outro trapezoidal de base arredondada), orientado para noroeste, e com 15,5 cm de comprimento, 4,7 cm de largura e 12 mm de profundidade. O outro é praticamente impercetível, tendo sido identificado apenas com a fotogrametria. Está orientado para noroeste. Com este procedimento informático, conseguiu-se também reconhecer 1 par de podomorfos, orientado para oeste e localizado após um sulco que parte do painel 4 e que, passando pelo painel 2, termina na base da rocha. A maioria dos podomorfos localizam-se no prolongamento dos do painel 1. Todos foram realizados em baixo relevo, por percussão, seguida de abrasão.

Sensivelmente a meio da pendente sul, destaca-se uma figura de tendência trapezoidal, disposta ao alto, com a parte inferior arredondada. Trata-se de um motivo que se divide em duas partes por um sulco horizontal. A parte superior está preenchida com sete sulcos verticais, enquanto a inferior, contém três covinhas. No lado esquerdo existe um semicírculo que faz lembrar uma peca. Associada a esta gravura encontra-se um motivo circular com cerca de 35 cm de diâmetro, subdividido internamente, por um sulco interior na sua extremidade superior. Estas duas figuras, feitas através de percussão,

seguida de abrasão, apresentam sulcos de profundidade e largura semelhantes e diferem dos quadrúpedes, por terem sulcos mais largos e profundos. Existem, ainda, agrupamentos de 5 covinhas nas proximidades de podomorfos (Figs. 8 e 9).

3.4.1.3. Painel 3

O painel 3 localiza-se na zona declívosa, ainda assim menos acentuada, situada a sudeste da rocha, sobre o topo do painel 1 e a nordeste e este do painel 2. A norte é delimitado pelo rebordo de um patamar e a nascente, pelo rebordo de um painel verticalizado. Ai foi possível identificar 7 pares de podomorfos, estando o pé esquerdo de um deles fraturado, orientados no sentido sudeste-noroeste. As suas medidas estão entre os 15 e 22 cm de comprimento, os 5,4 e 8 cm de largura e os 3 e 18 mm de profundidade. Existem, ainda, agrupamentos de 5 covinhas nas proximidades de podomorfos (Figs. 10 e 11).

3.4.1.4. Painel 4

Este painel situa-se numa no patamar estreito, próxima do topo do afloramento, mas existente pelo seu lado sul. Delimita a sul com o painel 2 e a sudeste com o painel 3 (Fig. 11). Nele existem pequenas pias naturais e covinhas que se unem por um sulco ou o circundam. O grande sulco que atravessa todo este painel, vai terminar no painel 2, numa superfície de inclinação já bastante acentuada. As covinhas/pias naturais existentes neste painel, têm medidas compreendidas entre os 1,5 e os 11 cm de diâmetro por 0,2 a 4,3 cm de profundidade. Os sulcos medem à volta de 2 e 5,5 cm de largura e 0,2 a 1,5 cm de profundidade. Foram executados por percussão seguida de abrasão com sulcos de secção em U (Figs. 12 e 13).

3.4.1.5. Painel 5

Este painel corresponde a toda a superfície superior do afloramento que se caracteriza por uma parte aplanada e por pequenas pendentes para norte e sul. A sul este painel limita com o nº 4 (Fig. 14 e 18).

No topo, existem três cavalos esquemáticos, sem cavaleiro, que se orientam de noroeste para nordeste. Encontram-se isolados dos restantes e um deles tem um conjunto de 5 covinhas associado (Fig. 15 e 18). Parece existir, ainda, um quadrúpede esquemático distinto dos anteriores. Apresenta o corpo delineado por um segmento de recta, três patas e uma cabeça esboçada através de uma covinha. Junto da eventual cabeça existe um conjunto de 5 pequenas covinhas que parecem a pegada de um felino. Localiza-se a sudeste do painel, junto com vários pares de podomorfos (Figs. 15, 16 e 18). Foram gravados por percussão seguida de abrasão, formando sulcos em U.

Neste painel há, ainda, 11 pares de podomorfos e 2 isolados. Estes concentram a sudeste do painel, parte deles em continuidade com os gravados no painel 3. Pela sua orientação, parecem ter chegado ao topo, oriundos de sudeste e de nordeste (Figs. 15, 18).

De salientar, ainda, na extremidade noroeste do topo, a existência de motivos abstratos, nomeadamente círculos concêntricos de 2 voltas, com covinha central, que se interligam por sulcos meandriiformes. Os sulcos medem cerca de 2 cm de largura e 1 cm de profundidade e foram realizados por percussão seguida de abrasão. Estes motivos encontram-se muito erodidos (Fig. 18).

3.5. Lenda atribuída ao local

Segundo a população local o afloramento é popularmente conhecido como local onde parou S. Gonçalo, vindo de Vizela. Aí, ao avistar um pequeno ribeiro, terá lançado a sua bengala que terá caído em Amarante, onde é hoje o santo padroeiro. O penedo é venerado e é costume algumas pessoas tocarem nele com fé e devoção.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto à iconografia presente no Penedo de S. Gonçalo, pode dizer-se que esta se parece distribuir por 5 painéis, previamente estipulados, embora seja possível considerar que entre os painéis 1 e 3 existe continuidade.

Aqui foram gravados motivos de estilo atlântico, como é o caso dos círculos concêntricos ligados por sulcos, existente a noroeste da parte mais elevada do afloramento. Talvez os motivos do painel 4, numa área aplanada e alta do afloramento, com sulcos, várias covinhas e aproveitamento de uma pequena pia, se possa integrar, também, neste estilo. Estes motivos seriam os mais antigos podendo atribuir-se ao Neo-Calcolítico. De notar que são também os mais erodidos.

Os quadrípedes esquemáticos, neste caso, os equídeos e os podomorfos inserem-se já na Proto-Histórica. Associados aos podomorfos e a alguns equídeos, encontram-se conjuntos de 5 covinhas que lembram patas, muito estilizadas de canídeos, ou seja, de cães, lobos, raposas, etc.

Os podomorfos, merecem destaque. Em todo o afloramento existem 57. Distribuem-se, essencialmente, pela extremidade sudeste e este do afloramento, desde a base até ao topo (painéis 1, 3 e parte do 5), que, apesar de ser bastante declivosa, é, também, a área que mais facilmente permite atingir o topo. Estes organizam-se em 26 pares e 5 isolados. Nos painéis 1, 3, e parte sudeste do painel 5 (em áreas inclinadas), os pares encontram-se em direção ascendente indiciando a importância da subida ao topo deste afloramento ou o que ela significa metaforicamente. Ainda no painel 5, a este, em área igualmente inclinada, há pares de podomorfos que se dirigem para o topo, acentuando, mais uma vez, a importância da subida. No topo os pares de podomorfos e os podomorfos isolados apresentam várias orientações (de norte para sul e de noroeste para sudeste), como se tivessem chegado de diferentes lugares e caminhos. As suas dimensões variam entre os 15 cm e os 20 cm de comprimento o que indicia que os personagens em movimento são crianças e juvenis.

Este motivo talvez seja posterior aos equídeos, quer porque interrompe a “narrativa” de alguns painéis, quer porque parece ocorrer, num caso, uma ligeira sobreposição. No entanto poderão ser genericamente contemporâneos e representar a mesma viagem embora realizada por personagens de estatuto diferente.

Já o motivo sub-trapezoidal do painel 3, pela sua raridade, não tem paralelos na arte do Noroeste. No entanto, motivos idênticos existem nas estelas do Sudoeste ibérico, onde foram identificados como líras (Jiménez Pasalodos, 2012). Ao ser assim, estaríamos

face a um motivo do Bronze Final ou do Ferro Inicial, ou seja, inserido na arte Proto-histórica do Noroeste, definida recentemente por Bettencourt (2017). O motivo circular que se lhe associa, pelo tipo de sulco, parece ser seu contemporâneo, talvez representando um membranofone de percussão, como um tambor ou pandeireta, pelas suas dimensões em relação à lira de mão.

Estes motivos parecem ser mais recentes e quebrar toda a ordem das composições anteriores pelo que, neste caso, seriam os últimos a ter sido gravados, sendo os podomorfos e os cavaleiros ainda da Idade do Bronze, embora, talvez, de cronologias próximas dos instrumentos musicais.

EQUIPA

Nos trabalhos participaram: Manuel Santos-Estévez, Ana M. S. Bettencourt e José Moreira, como coordenadores; Hélder Mota, Martim Dias Lima, Vítor Santinho Rocha e Henrique Cachetas, alunos do Mestrado em Arqueologia da Universidade do Minho; Marta Senra, aluna da Licenciatura em Arqueologia da Universidade do Minho e Jéssica Carvalho Ferreira, aluna de mestrado em Medicina Dentária da Universidade Fernando Pessoa, como voluntária.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, M. E. (2012). *Rock-Art in Portugal: History, Methodology and Traditions*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Teses de Doutoramento).

BETTENCOURT, AMS (2017). "Pos-Palaeolithic rock art of north-western Portugal: an approach", In A.M.S. Bettencourt, M. Santos-Estevéz, H.A. Sampaio, D. Cardoso (eds.), *Recorded Places, Experienced Places. The Holocene Rock Art of the Iberian Atlantic Northwest*, British Archaeological Reports – BAR, Oxford: BAR Publishing, 123-149.

FREITAS, E. (1985). *Felgerias Rubreas, Subsídios para a História do Concelho de Felgueiras*, Felgueiras: Edição Correio do Minho (1ª edição).

GOMES, P. (1966). *Felgueiras: Tradição com Futuro*. Felgueiras: Anegia.

JIMÉNEZ PASALODOS, R. (2012). The Lyres of the Far West: Chordophones on the Bronze Age Warrior Stelae of the Southwest of the Iberian Peninsula, in R. Eichmann, F. Jijnuan, L.-C. Koch (eds.), *Studien zur Musikarchäologie VIII*, DAI Orient Archäologie 25. Rahden/Westf: 215-225.

PEREIRA, 2012. *Notícia explicativa da Folha 1 da Carta Geológica de Portugal à escala 1/200 000*. E. Pereira (coord.), Serv. Geol. Portugal.

SARMENTO, F.M. (1999). *Antiqua. Apontamentos de Arqueologia*. Guimarães, Sociedade Martins. Sarmiento.

VV. AA. (1991) - Património arqueológico de Felgueiras. In *Plano Director Municipal da Câmara Municipal de Felgueiras*. Felgueiras: Câmara Municipal de Felgueiras

Manuel Santos-Estévez



José Moreira



Ana M. S. Bettencourt



FIGURAS



Figura 1: Penedo de S. Gonçalo, em 2017, antes do início dos trabalhos de limpeza sistemáticos.



Figura 2: O Penedo de S. Gonçalo após a limpeza.



Figura 5: À esquerda: vista de sudoeste; ao centro, vista de este; à direita: vista de nordeste.



Figura 6: Localização do painel 1.



Figura 7: Levantamento fotogramétrico do painel 1.

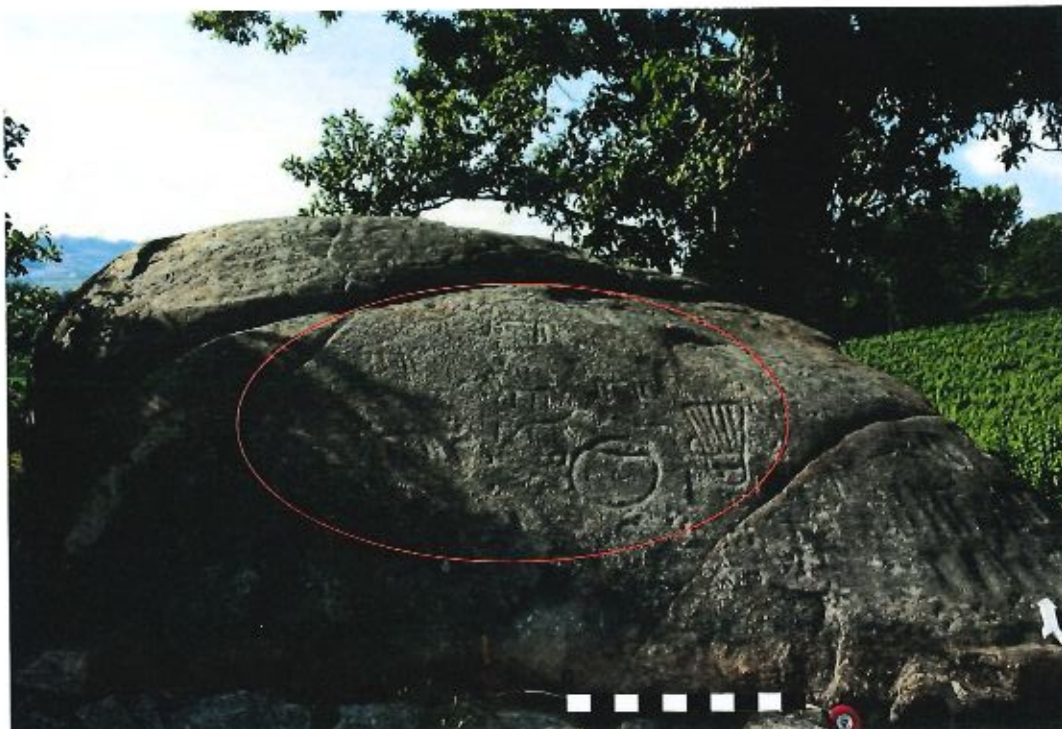


Figura 8: Localização do painel 2.



Figura 9: Levantamento fotogramétrico do painel 2.



Figura 10: Localização do painel 3.



Figura 11: Fotogrametria do painel 3.

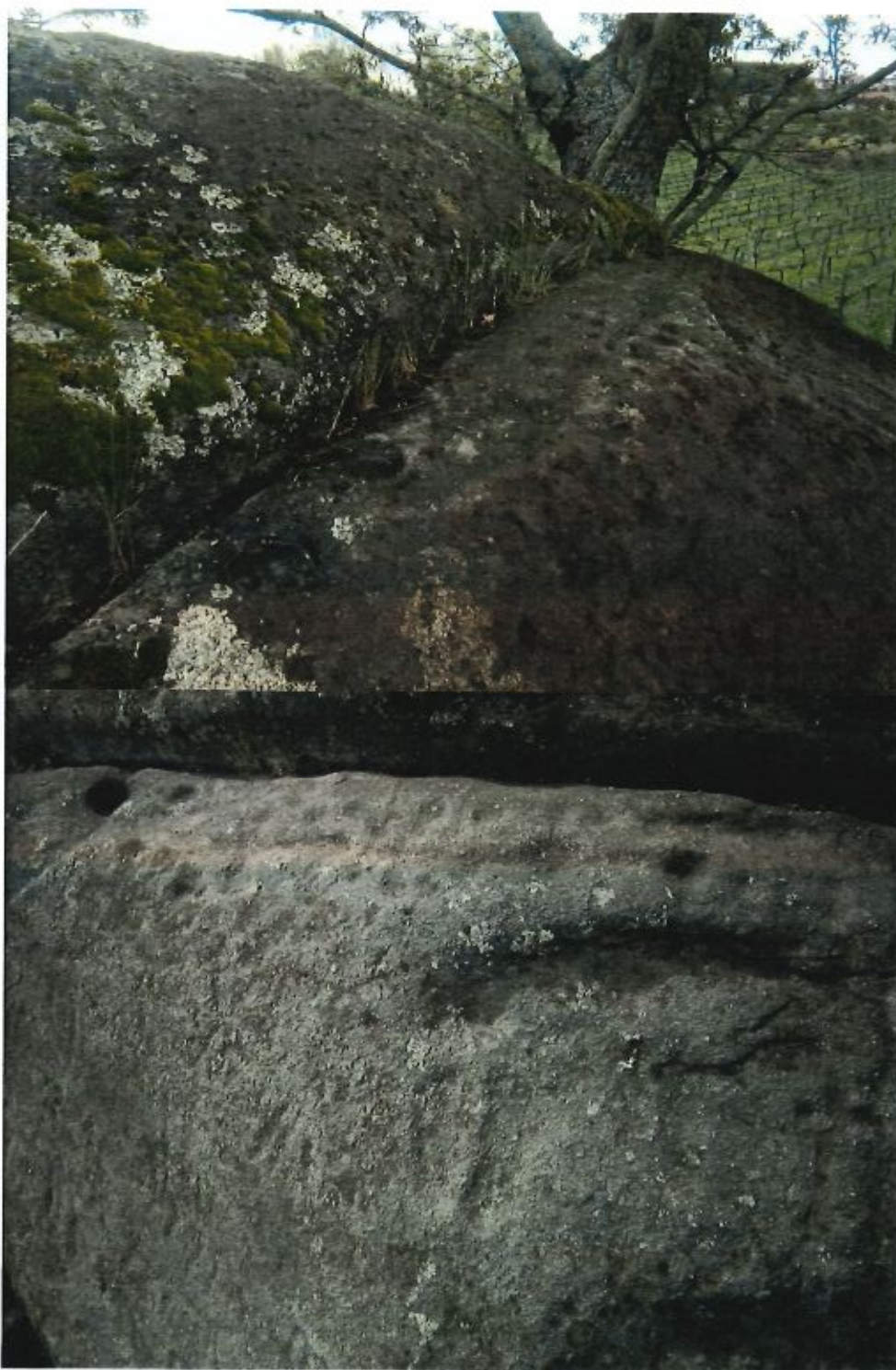


Figura 12: Em cima: painel 4 antes dos trabalhos de limpeza (visto de sudoeste). Em baixo: pormenor do painel 4 após limpeza (visto de cima).

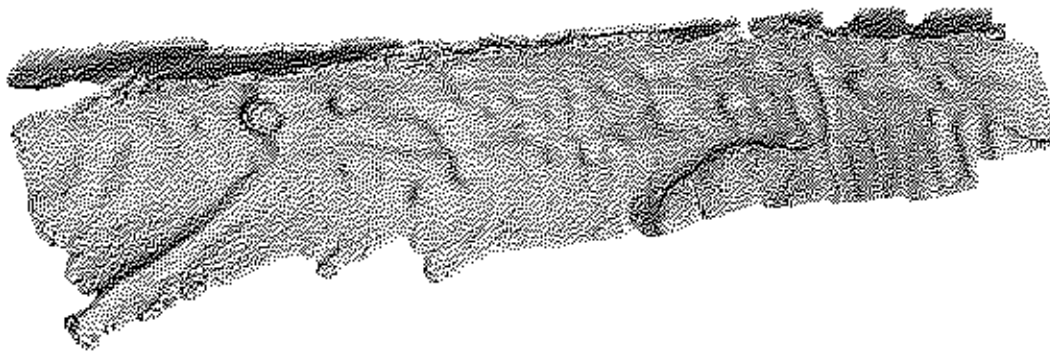


Figura 13: Fotogrametria do painel 4.



Figura 14: Painel 5 visto de cima.



Figura 15: Painel 5 visto de lado. Aqui podem observar-se o conjunto de podomorfos localizados a sudeste do painel, orientados para diferentes quadrantes.



Figura 16: Pormenor da extremidade sudeste do painel 5. Fotografia noturna.



Figura 17: Pormenor da extremidade noroeste do painel 5 com círculos concêntricos e sulcos meandriformes. Fotografias diurnas e noturnas.

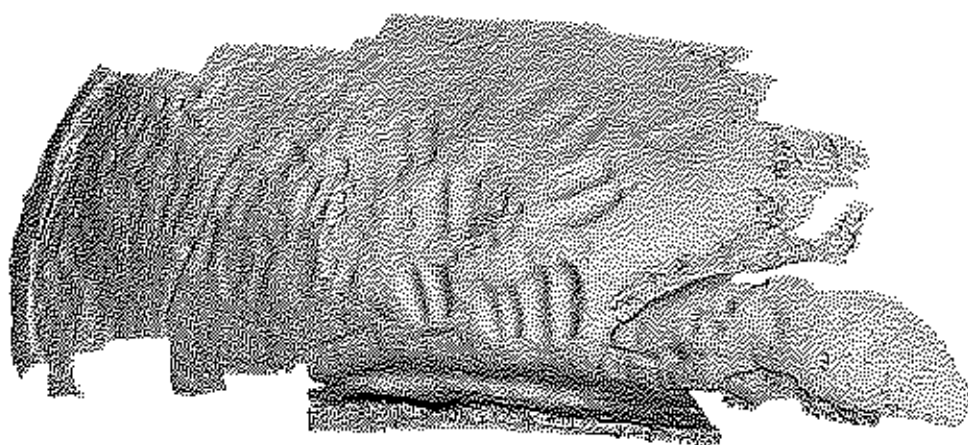


Figura 18: Fotogrametria geral do painel 5.